



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Marina Teixeira Dourado

**ESTUDO EXPLORATÓRIO ACERCA DAS AÇÕES
REPRESENTADAS NO DESENHO DA FAMÍLIA
CINÉTICA**

**Dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia da Educação,
Desenvolvimento e Aconselhamento, orientada pela Professora Doutora
Luiza Isabel Gomes Freire Nobre Lima e apresentada à Faculdade de
Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.**

Fevereiro de 2020

Agradecimentos

À Professora Doutora Luiza Lima, orientadora desta dissertação, agradeço pela transmissão de conhecimentos, disponibilidade, incentivo, apoio e rigor com que sempre me orientou.

Ao Diretor do Agrupamento de Escolas Martim de Freitas, Diretoras Pedagógicas do 1º ciclo da EB1 Montes Claros e da EB1 dos Olivais, professore(a)s de 1º ciclo e a todos os funcionários com quem contactei, agradeço toda a receptividade, apoio e disponibilidade com que sempre me acolheram.

A todos os pais e crianças que tornaram a concretização desta dissertação possível, agradeço a participação, confiança, interesse e envolvimento neste projeto.

À minha família, agradeço de coração pelo amor e apoio incondicionais, pelas palavras de conforto e motivação, por acreditarem sempre nas minhas capacidades, pela paciência e por tornarem este objetivo concretizável.

Aos meus melhores amigos, Sara e Ricardo, agradeço todo o carinho e palavras de incentivo.

À Inês, a primeira amiga que Coimbra me deu, agradeço o apoio incansável, os conselhos e a motivação transmitida ao longo de todo este percurso.

Às minhas amigas, Margarida, Sofia, Lara e Helena, agradeço todos os momentos proporcionados, que jamais esquecerei.

Ao Marcelo, alguém muito especial para mim, agradeço todo o apoio, palavras de incentivo, paciência e, acima de tudo, todas as vezes que me lembrou das minhas capacidades, quando eu mesma duvidei.

A todos aqueles que não mencionei, mas que de alguma forma contribuíram para que a concretização deste objetivo fosse possível, um enorme obrigada!

Resumo

Introdução teórica: O Desenho da Família Cinética pretende avaliar as percepções e sentimentos da criança, relativamente aos vínculos familiares. **Objetivo:** Considerando a carência de informação sobre este instrumento, em contraste à sua ampla utilização enquanto técnica de avaliação psicológica, pretende-se analisar a adequabilidade dos seus critérios de cotação e as temáticas predominantes na ação representada no desenho. **Metodologia:** Participaram no estudo 47 crianças de ambos os sexos pertencentes a um agrupamento de escolas do Centro do país, das quais 22 com idades compreendidas entre os 6 anos e os 6 anos e 11 meses ($M= 80.77$; $DP= 2.092$) e 25 entre os 9 anos e os 9 anos e 11 meses ($M= 116.36$; $DP= 2.119$). **Resultados e Discussão:** Os resultados remetem para a necessidade de atualização de alguns itens e inclusão de novos, atenuando a subjetividade do avaliador. Em termos das ações representadas nos desenhos verificou-se que em ambos os grupos etários surgem tanto atividades conjuntas realizadas em família como atividades não conjuntas, sendo mais frequentemente representadas as primeiras. Para além disso, surgem novos símbolos no desenho, nomeadamente os aparelhos eletrónicos. **Conclusões:** Conclui-se, que alguns itens de análise devem ser atualizados, devido ao carácter datado que apresentam. Para além disso, devem ser interpretados com cautela em contextos, que não aquele para o qual o teste foi desenvolvido, tornando-se necessário analisar outros aspetos da criança. Este estudo foi vantajoso por ser constituído por uma amostra normativa, face à carência de estudos com a mesma. No entanto, mais estudos são precisos, nomeadamente sobre a validade e fidedignidade dos critérios de cotação deste instrumento.

Palavras-chave: Desenho da Família Cinética; Itens de Análise; Técnicas Projetivas; Criança; Ação.

Abstract

Theoretical Introduction: The Kinetic Family Drawing aims at evaluating the perceptions and feelings of children towards family bonds. **Objectives:** Considering the lack of information on this instrument, as opposed to its wide application as a psychological evaluation technique, this study aims at analyzing the suitability of its quotation criteria and the frequency of themes approached on the drawing. **Method:** Forty seven children, both boys and girls, from a school in the central area of Portugal participated in the study, 22 aged between 6 years and 6 years and 11 months ($M= 80.77$; $SD= 2.092$) and 25 aged between 9 years and 9 years and 11 months ($M= 116.36$; $SD= 2.119$). **Results and Discussion:** The results point to the need to update some items, include new ones and improve their quotation system, attenuating the evaluator's subjectivity. In terms of the actions represented in the drawings, we noticed the appearance of both family and unfamily activities in both groups. However, the first option is the most frequent one. Furthermore, new symbols emerge in the draw, specifically electronic devices. **Conclusions:** Some evaluation items should be updated due to their dated character. Moreover, they must be carefully interpreted, especially if they are not applied in the original context, highlighting other aspects of children. Giving the fact that this was the first study using a normative sample, its importance should be emphasized. However, further studies are necessary focusing the validity and reliability of this instrument' quotation criteria.

Keywords: Kinetic Family Drawing; Analysis Items; Projective Techniques; Child; Action.

Siglas e Abreviaturas

CI- Capacidade Intelectual

CPM-P – Matrizes Progressivas Coloridas – Forma Paralela

DFC - Desenho da Família Cinética

DP- Desvio-Padrão

M – Média

N – Dimensão da Amostra

SPSS - Statistical Package for Social Sciences

Lista de Tabelas

Tabela 1. Caracterização da Amostra

Tabela 2. Frequência da Presença dos Itens de Análise do Desenho da Família Cinética

Tabela 3. Frequência das Categorias das Temáticas Presentes no Desenho da Família Cinética

Lista de Anexos

Anexo I. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Anexo II. Folha de Cotação do Desenho da Família Cinética

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I - Enquadramento Concetual	4
1. O Desenho Infantil	4
1.1. As Etapas de Desenvolvimento do Desenho Infantil.....	6
2. O Desenho Infantil enquanto instrumento de avaliação da cognição e da personalidade.....	8
2.1. Técnicas Projetivas Gráficas.....	10
2.1.1. Desenho da Família.....	10
2.1.2. Desenho da Família Cinética.....	11
Capítulo II - Objetivos.....	16
Capítulo III - Metodologia.....	17
Participantes	17
Instrumentos	18
Procedimentos	22
Capítulo IV – Resultados e Discussão.....	25
1) Análise da adequabilidade dos critérios de cotação do DFC	25
2) Análise das temáticas representadas no DFC.....	35
Conclusão	39
Referências Bibliográficas.....	41
Anexos.....	44

Introdução

O Desenho da Família Cinética (Kinetic Family Drawing-KFD), foi introduzido enquanto técnica projetiva por Burns e Kaufman e, desde então, tem sido notável a sua ampla utilização por psicólogos de várias áreas, na avaliação da percepção que as crianças têm de si próprias, das suas famílias e da dinâmica das suas relações familiares. Com isto, assiste-se a uma forte valorização do papel da família, na etiologia e tratamento de perturbações emocionais na infância. Esta técnica projetiva é diferente das demais pela introdução da dimensão cinética, sendo que, a representação das dinâmicas familiares através do movimento, é relevante para a análise dos sentimentos e percepções da criança, papéis, influências e interações da sua família (Burns & Kaufman, 1970, citados por Reynolds, 1978; Knoff & Prout, 1985).

Ao longo dos tempos, o desenho infantil tem sido utilizado na análise de diferentes processos psicológicos, em particular, no desenvolvimento cognitivo e na personalidade.

No primeiro, o desenho é analisado enquanto expressão do desenvolvimento global da criança e avaliado a nível psicométrico, enquanto no segundo, é analisada a personalidade da criança, podendo os elementos desenhados melhor descrevê-la, do que o desenho em si mesmo. As técnicas projetivas permitem compreender aspetos latentes ou inconscientes da personalidade da criança, através da análise de como esta interpreta ou realiza uma determinada tarefa, refletindo aspetos importantes do seu funcionamento psicológico (Silva, Pasa, Castoldi & Spessatto, 2010; Hutz & Bandeira, 2000; Silva & Villemor-Amaral, 2006, citados por Menezes, Moré & Cruz, 2008).

Nos últimos anos, tem-se assistido a uma ampla utilização das técnicas projetivas, nomeadamente, o desenho infantil, o que contrasta com a falta de informação neste domínio. Em 1983, Prout investigou a frequência de utilização das técnicas de avaliação da personalidade por profissionais de Psicologia da Educação, concluindo que, o Desenho da Figura Humana é utilizado por 83% dos profissionais, o Desenho da Casa-Árvore-Pessoa por 63% e o Desenho da Família Cinética por 62% (Knoff & Prout, 1985).

A proficiência do Desenho da Família Cinética (DFC), tem vindo a ser demonstrada em vários estudos. Um estudo realizado por Nuttall, Chieh e Nuttall (1988), revelou diferenças nos valores culturais e regras representados nos desenhos. Chuah

(1992), constatou que o desenho pode refletir processos de integração intercultural. Johnston (1975), encontrou diferenças nos desenhos da Família Cinética de crianças com famílias intactas, comparativamente a crianças com famílias divorciadas. O estudo de O'Brien e Patton (1974), contribuiu para a identificação e prevenção de crianças com ansiedade manifesta. Chartouni (1992), concluiu que esta técnica é uma ferramenta útil na revelação de diferenças culturais relativas ao estilo de vida familiar (Nuttall, Chieh & Nuttall; Chuah; Johnston; O'Brien & Patton, citados por Lee, Lim & Chia, 2017; Chartouni, citada por Wegmann & Lusebrink, 2000).

Apesar dos estudos existentes sustentarem o uso desta técnica projetiva na avaliação da personalidade, tem-se verificado escassez de estudos empíricos ao nível da fidedignidade e validade. Importa salientar, que o DFC se encontra em constante mudança, podendo esta ser explicada com as mudanças da composição familiar ao longo do tempo ou com o facto das verbalizações da criança nem sempre coincidirem com o que ela desenha. Estas oscilações dificultam o estabelecimento de fidedignidade e validade para este instrumento (Reynolds, 1978; Lee, Lim & Chia, 2017).

São necessários estudos que investiguem a influência das diferentes culturas na utilização desta técnica projetiva, verificando a sua validade. Muitos clínicos parecem utilizar esta técnica sem considerar o impacto da cultura da criança no desenho, dando ênfase à necessidade de serem desenvolvidos estudos sobre o Desenho da Família Cinética (DFC) noutras culturas, tendo em consideração que estes contribuem para uma melhor interpretação das diferentes variáveis que constituem a sua análise (Cabacungan, 1985; Fukada, 1990; Ledesma, 1979; McNight-Taylor, 1974, citados por Wegmann & Lusebrink, 2000).

Burns e Kaufman (1970), têm sido criticados por vários investigadores, pela interpretação subjetiva que sugeriram das variáveis. Nos seus estudos, grande parte deles tem vindo a modificar e adaptar o sistema de cotação original, adicionando novas variáveis ou alterando as suas definições (Wegmann & Lusebrink, 2000).

Assim sendo, o presente estudo é de carácter exploratório e procura testar evidências de validade para este instrumento, relativamente à adequabilidade das variáveis de análise e frequência normativa das temáticas abordadas no desenho, no contexto português. Apesar de considerarmos como referência os critérios de cotação

originais presentes no Manual Interpretativo de Burns e Kaufman (1972), com algumas alterações introduzidas por Klumpp (2017), na análise dos resultados iremos também atender às especificidades da nossa cultura e ao contexto clínico do qual o Manual Interpretativo surgiu, tendo presente que, por numa determinada cultura (neste caso, a norte-americana) algumas características serem esperadas, não implica que noutros contextos o tenham de ser, podendo assumir valores interpretativos distintos.

Na presente dissertação apresentamos um enquadramento concetual do Desenho Infantil e da sua utilização na avaliação das dimensões da cognição e da personalidade; definimos os principais objetivos do estudo; descrevemos a metodologia, nomeadamente, os participantes, instrumentos utilizados e, respetivos procedimentos, de recolha de dados e de análise estatística e qualitativa; descrevemos e discutimos os resultados obtidos da análise dos desenhos da Família Cinética e, por fim, apresentamos as conclusões gerais do estudo.

Capítulo I - Enquadramento Concetual

1. O Desenho Infantil

Antes da segunda metade do século XIX, os desenhos infantis eram vistos essencialmente como uma forma primitiva de expressão e, por isso, desvalorizados. No entanto, no final do século XIX, verificou-se um crescente interesse pelo desenvolvimento infantil e, paralelamente, pelo desenho infantil. Em 1905, Binet e Simon analisaram o desenho, objetivando a sua utilização em testes de desenvolvimento mental e em outros protocolos de avaliação específicos. Destacam-se também os estudos de Lamprecht (1906) e Claparede (1907), que tentaram encontrar características comuns entre traços e conceitos. O primeiro estudo recolheu desenhos realizados por crianças de várias culturas, com instruções uniformizadas, porém não foi concluído. O segundo, propôs a análise das etapas de desenvolvimento do desenho, de modo a averiguar relação entre aptidão para desenhar e capacidade intelectual. Ivanoff (1909) seguiu esta ideia e realizou um estudo com crianças suíças, no qual pontuou os desenhos através de uma escala de 6 pontos e, sucessivamente, comparou as pontuações com as notas atribuídas pelos professores relativamente à aptidão geral, encontrando correlação positiva em quase todos os casos. Estes primeiros estudos revelaram que a natureza e o conteúdo dos desenhos das crianças dependem sobretudo do desenvolvimento cognitivo. Em 2003, Wechsler mencionou que estudos sobre o Desenho da Figura Humana apareceram em 1906, com o investigador Lamprecht. Em 1926, Goodenough desenvolveu o teste “Desenha um homem” que demonstrou existência de evolução nos traços ou características apresentadas no desenho da figura humana à medida que a idade da criança aumentava, dando relevância ao desenho enquanto instrumento de avaliação do desenvolvimento cognitivo. Embora o método de Goodenough tenha sido bastante utilizado por possuir vantagens como a possibilidade de administração individual ou coletiva, um tempo de aplicação reduzido e a necessidade de poucos recursos (lápis e folha em branco), a sua aceitação no meio científico não se revelou unânime. Estudos subsequentes sobre o Desenho da Figura Humana, acrescentaram dimensões importantes para a sua compreensão, tanto do ponto de vista cognitivo como emocional, os quais iremos mencionar mais adiante (Rosenblatt, & Winner, 1988; Kolck, 1984, citados por

Silva, Pasa, Castoldi, & Spessatto, 2010; Khamphaus, & Pleiss, 1991; Goodenough, 1926 citada por Wechsler & Schelini, 2002).

Ao longo do tempo, têm surgido várias questões sobre a natureza e significado daquilo que as crianças representam no desenho. Os desenhos podem ser considerados a primeira forma de escrita de uma criança, revelando-se um meio de expressão, um retrato da sociedade envolvente e um indicador do desenvolvimento intelectual (Goodnow, 1992).

Segundo Koppitz (1968), dos vários tipos de desenhos espontaneamente realizados pelas crianças, sobressai o da figura humana como o preferido e realizado com maior frequência. Harris (1963), faz referência a outros temas que também surgem nos desenhos livres infantis, ainda que com menor frequência, nomeadamente casas, animais e flores (Koppitz, 1968; Harris, 1963, citados por Wechsler & Schelini, 2002).

As estratégias a que as crianças recorrem na realização de desenhos são relevantes, na medida em que permitem uma análise mais abrangente da sua representação e contribuem para a progressão da compreensão do desenvolvimento das competências de planeamento e organização em geral (Thomas & Silk, 1990, citados por Barraza, 1999).

As perceções das crianças em relação ao mundo têm vindo a conquistar a atenção e interesse de investigadores, professores e psicólogos, por desempenharem um papel importante na compreensão do desenvolvimento infantil. Esta forma de expressão é reveladora do desenvolvimento das capacidades neuromotoras, cognitivas, das dimensões emocionais e sentimentais e, socioculturais. Quando a criança realiza um desenho, o conteúdo simbólico que representa, depende diretamente das suas motivações e ação cognitiva, no momento em que o executa (Pereira, 2016).

O grafismo é também um meio de comunicação muito requisitado pelas crianças. Este viabiliza a expressão do desenvolvimento geral, tendo em conta que através da maturação gráfica da criança é possível estabelecer as fases do seu desenvolvimento (Campos, 1994; Grassano, 1996; Wechsler, 2003, citados por Silva, Pasa, Castoldi, & Spessatto, 2010).

1.1. As Etapas de Desenvolvimento do Desenho Infantil

Foram vários os autores de diferentes épocas que se dedicaram ao estudo do desenvolvimento do desenho infantil e identificaram as suas diferentes fases, comuns a todas as crianças. Assim sendo, daremos destaque ao trabalho desenvolvido por Luquet (1987), pela conceção de um quadro teórico sobre o desenvolvimento do desenho que ainda se mantém nos dias de hoje.

Segundo Luquet (1987) o desenho infantil desenvolve-se em 5 fases baseadas num modelo mental interno, sendo elas (1) garatuja (2) realismo fortuito (3) realismo falhado (4) realismo intelectual e (5) realismo visual.

A primeira fase verifica-se entre os 0 meses e os 2 anos e 6 meses, na qual a criança se limita a desenhar linhas contínuas e marcas individuais, sem a presença de figuras reconhecíveis. A segunda fase está presente entre os 2 anos e 6 meses e os 3 anos e 6 meses e, apesar de ainda não existir a intenção de desenhar algo, este pode ser interpretável, ou seja, a criança que começou a traçar símbolos sem representação alguma, pode começar a estabelecer conexões com os objetos, criando assim outras formas de representações. A terceira fase ocorre entre os 3 anos e 6 meses e os 5 anos, em que a criança tem intenção de desenhar de forma realista, no entanto não consegue pela incapacidade de controlo total dos seus movimentos gráficos e/ou pelo carácter descontínuo da atenção infantil. A quarta fase sucede entre os 5 e os 8 anos, em que o desenho é inteiramente realista e integra elementos que a criança sabe que existem, ainda que não sejam visíveis, denominando-se por desenhos de transparência ou “raio-x” (por exemplo, um bebé desenhado na barriga de uma grávida). Por fim, a quinta fase dá-se a partir dos 8 anos, quando a criança começa a incluir perspetiva no desenho e a estabelecer relação entre os elementos do mesmo (Luquet, 1987; Luquet, 1913, citado por Barraza, 1999).

Os desenhos realizados por crianças em idade pré-escolar são mais espontâneos, não estereotipados e esteticamente apelativos, que os das crianças em idade escolar, sendo que estas parecem desenhar com menos frequência e de forma mais rígida e estereotipada, revelando a vontade de desenhar as coisas tal como elas são (Rosenblatt & Winner, 1988).

Segundo Luquet (1987), o desenho infantil deve também ser analisado atendendo a 5 dimensões, sendo elas:

- 1) a intenção, que “não é senão o prolongamento e a manifestação da sua representação mental” (Luquet, 1987, p.23). Esta pode advir da percepção ou recordação de objetos reais ou de desenhos já anteriormente realizados pela criança ou por outras pessoas; da semelhança visual de um determinado objeto; ou, do automatismo gráfico, no qual um mesmo desenho é reproduzido seguidamente;
- 2) a interpretação, que pode estar associada ao traçado de um objeto conhecido da criança ou ao seu estado de espírito no momento em que desenhou. De uma forma geral, corresponde à ideia que a criança tem durante a execução do desenho e pode ser concluída com a verbalização de um nome para o mesmo. No entanto, a mesma pode interpretar o desenho de uma forma diferente da sua intenção inicial. A coincidência ou não da interpretação com a intenção pode também estar associada à habilidade gráfica da criança, tendo em consideração que esta pode modificar a interpretação devido ao desenho não corresponder ao que ela pretendia representar;
- 3) o tipo, que consiste na “representação que uma determinada criança dá de um mesmo objeto ou motivo através da sucessão dos seus desenhos” (Luquet, 1987, p.57). Podem identificar-se dois tipos distintos, sendo eles a conservação, que revela estabilidade na forma como a criança desenha, e a modificação, na qual o desenho sofre mudanças;
- 4) o modelo interno, que consiste na representação mental da criança e é referente ao que a mesma desenha e não ao que vê. Assim sendo, é o que origina a produção de um desenho natural, memorizado ou copiado;
- 5) o colorido, que pode ter duas funções para a criança, a de decorar e a de realçar os objetos que considera essenciais, tornando-o mais realista.

O trabalho desenvolvido por Luquet teve grande influência nas teorias e modelos do desenvolvimento dos desenhos posteriores, em particular, o trabalho de Piaget, que perspetiva o desenho como uma dimensão de desenvolvimento cognitivo. Ambos os autores referem a existência de um paralelismo entre o desenvolvimento intelectual da criança e o seu desenvolvimento do desenho, afirmando que à medida que as crianças

crecem e se desenvolvem, os seus desenhos tornam-se mais detalhados e mais realistas, sendo este fator importante na modificação do tipo, e, conseqüentemente, do modelo interno. Na sequência do trabalho de Luquet, imensos estudos foram realizados sobre o desenho infantil, com a finalidade de se encontrar no desenho uma medida fiável da capacidade cognitiva da criança (Luquet, 1913, & Piaget, 1969, citados por Barraza, 1999).

2. O Desenho Infantil enquanto instrumento de avaliação da cognição e da personalidade

Com o objetivo de avaliar o nível de inteligência a partir do desenho infantil, vários estudos foram realizados, como já referido no início deste capítulo. Apesar de terem sido desenvolvidos vários testes no domínio da avaliação cognitiva, vamos debruçar-nos particularmente nos que concernem ao Desenho da Figura Humana (Goodenough, 1926; Harris, 1963; Naglieri, 1988). O surgimento do Desenho da Figura Humana de Goodenough (1926), apesar de ter sido a primeira tentativa sistemática de medir a inteligência a partir do desenho infantil e de ter ganho popularidade, acabou por ser alvo de críticas no domínio científico da Psicologia. Assim sendo, na tentativa de avaliar características intelectuais, Harris (1963) realizou uma revisão do teste “Desenha um homem” de Goodenough, concebendo “Desenhe uma pessoa”, onde adicionou itens ao sistema de cotação e criou uma standardização mais abrangente. Neste sistema são dados pontos aos desenhos de um homem ou de uma mulher pela presença de características específicas, qualidade do desenho e pela integração das figuras num todo, como personagens reconhecíveis. O total de pontos obtido representaria uma avaliação da maturidade intelectual da criança. O teste de Harris foi mais tarde revisto por Naglieri (1988), que publicou uma ferramenta de cotação para o Desenho da Figura Humana e normas desenvolvidas para avaliação da capacidade intelectual da criança. Este autor introduziu três desenhos, nomeadamente o homem, a mulher e o próprio, com o intuito de reduzir a ambiguidade do teste de Goodenough e Harris, tornando-se mais preciso (Ezan, Gollety & Hémar-Nicolas, 2015; Chandler, 2003, citado por Lopes, 2008).

Quando a criança é convidada a realizar um desenho livre, percebe-se que tal como nos sonhos, a expressão gráfica também apresenta significados inconscientes da personalidade. Assim sendo, surge a utilização do desenho numa abordagem que pretende

avaliar a personalidade e as emoções. O primeiro teste desenvolvido neste domínio surgiu com Machover (1949), que apresentou o Desenho da Figura Humana como técnica projetiva, permitindo através da análise de desenhos de figuras humanas, perceber necessidades inconscientes, conflitos e traços de personalidade. O seu sistema de cotação baseou-se em hipóteses projetivas, partindo do pressuposto de que várias características que podiam surgir no desenho constituíam indicadores de personalidade e de aspetos emocionais da criança. Koppitz (1968, 1984) expandiu os aspetos de desenvolvimento e de personalidade do Desenho da Figura Humana, desenvolvendo um sistema de cotação objetivo para análise do funcionamento cognitivo e emocional. Considerou que os desenhos das crianças refletiam as suas ansiedades, preocupações e atitudes. No seu teste, é solicitado à criança que desenhe uma pessoa, sendo posteriormente avaliado consoante a presença ou ausência de 30 indicadores emocionais que se subdividem em três categorias, sendo elas (1) itens relacionados com a qualidade da figura humana desenhada (2) características espaciais raramente encontradas em desenhos de figuras humanas e (3) omissão de características esperadas nos desenhos de figuras humanas. De seguida, Naglieri et al. (1991) alargaram o teste do Desenho da Figura Humana da avaliação cognitiva, para avaliação de perturbações emocionais ou comportamentais (Di Leo, 1991, citado por Silva, Pasa, Castoldi, & Spessatto, 2010; Ezan, Gollety & Hémar-Nicolas, 2015; Koppitz, 1968, citado por Miller, 1995; Jolley, 2009, citado por Lopes, 2008).

O desenho tem sido amplamente utilizado no domínio da avaliação psicológica, revelando-se o meio de expressão e comunicação preferido das crianças. Neste contexto, os testes são muitas vezes utilizados com o objetivo de proporcionar maior fidedignidade a esse momento. O controlo intelectual ou simulação, consciente ou inconsciente, é menor nos testes gráficos que nos verbais. Vários autores têm reforçado a ideia de que o desenho deve também ser verbalizado, sendo necessário solicitar à criança que faça associações, colocando em palavras aquilo que desenhou. Apesar da avaliação através do desenho não permitir um diagnóstico, fornece informações importantes para uma análise mais global da criança (Wallon, 2007, citado por Ezan, Gollety & Hémar-Nicolas, 2015; Campos, 1994; Grassano, 1996; Wechsler, 2003; Ferro, 2005, citados por Silva, Pasa, Castoldi, & Spessatto, 2010).

2.1. Técnicas Projetivas Gráficas

Segundo Hammer (1997), um pintor é o primeiro a reconhecer que, ao procurar retratar o mundo externo, acaba por criar uma realidade subjetiva, representando duas pessoas, o modelo e ele próprio. Este autor considera que o desenho serve de “tela” para que a criança possa projetar o seu mundo interior, traços, atitudes, e características do seu comportamento e personalidade. Para além disso, também menciona que as crianças aderem mais facilmente a este método, por ser uma técnica não verbal e de mais fácil comunicação, podendo ser utilizada com crianças em várias condições, nomeadamente, sem capacidade verbal de expressão, que não falem a língua materna do país no qual estão a ser avaliadas, entre outras (Hammer, 1997).

As técnicas projetivas remetem para que a criança responda a um estímulo ambíguo, permitindo ao avaliador compreender os seus conflitos, necessidades, dinâmica e estrutura da personalidade. São um método de avaliação “camuflado”, pelo que a criança dificilmente se apercebe do tipo de interpretação que será realizado. Por serem tarefas relativamente não estruturadas, permitem uma grande variedade de respostas. As suas instruções são curtas e gerais (Frank, 1948).

Karon (2000) e Tavares (2003) demonstraram a importância das interpretações clínicas na avaliação da personalidade, colocando o raciocínio clínico como um pré-requisito essencial para compreensão completa e integrada do indivíduo, enfatizando a importância de um treino do avaliador para uma posterior utilização dos métodos projetivos em geral (Karon & Tavares, citados por Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006).

São várias as técnicas projetivas gráficas concebidas, nomeadamente o teste do Desenho da Árvore de Koch (1948), o Desenho Casa-Árvore-Pessoa de Buck (1948) e de Burns (1987), o Desenho da Família de Corman (1961) e o Desenho da Família Cinética de Burns e Kaufman (1970), sendo que iremos desenvolver apenas os dois últimos pelo teor do nosso estudo.

2.1.1. Desenho da Família

Muitas das perturbações psíquicas de carácter afetivo ou intelectual que surgem nas crianças, podem estar associadas a dificuldades de adaptação da criança ao seu ambiente familiar ou a conflitos familiares existentes, tendo em conta que é neste ambiente que a

criança vive a primeira fase da sua vida e se desenvolve. O Desenho da Família consiste num desenho livre, no qual a criança pode projetar conteúdos profundos da sua personalidade. Além disso, o modo como a criança se posiciona no seio familiar, pode fornecer-nos informações sobre os problemas e dificuldades da criança, relativamente a aspetos da sua adaptação ao ambiente familiar. Este teste permite à criança projetar “tendências recalçadas” do seu inconsciente, que nos dão informação sobre aspetos da sua personalidade e possíveis conflitos íntimos (Corman, 1985).

Esta técnica projetiva pode ser administrada a partir dos 5-6 anos, individual ou coletivamente, sem tempo limite de conclusão e inicia com a instrução “Desenha uma família, uma família que tu imagines/inventes”. De seguida, é realizado um breve questionário, onde a criança explicita as suas representações, nomeadamente, identifica as personagens, as funções, sexo, idade, relações mútuas, entre outras e, termina com o método das preferências-identificações, onde a mesma é convidada a expressar as suas preferências e/ou aversões relativamente às personagens representadas, bem como identificar aquela que gostaria de ser. As suas vantagens são (1) fácil e rápida administração e interpretação (2) bem aceite pelas crianças e/ou adolescentes e (3) poucos materiais necessários, nomeadamente, mesa, cadeira, papel e lápis (Corman, 1985).

A interpretação do Desenho da Família é realizada considerando os três níveis de análise, sendo eles (1) nível gráfico, no qual se dá importância a aspetos de psicomotricidade e a fatores afetivos, como por exemplo, manipulação do lápis, força e amplitude da execução do traço, ritmo de execução, entre outros; (2) nível das estruturas formais, que remete para a percepção/apreensão do real, devendo ser considerados o nível de desenvolvimento da criança, a sua capacidade intelectual, entre outros; e (3) nível de conteúdo, referente aos processos latentes, pretende avaliar questões de objetividade ou subjetividade, na realização da família real ou imaginária (Corman, 1985).

2.1.2. Desenho da Família Cinética

Ao longo de muitos anos, os psicólogos têm vindo a utilizar o desenho para compreenderem determinados aspetos do mundo da criança, tais como as suas relações familiares. Neste sentido, Burns e Kaufman (1970) desenvolveram uma nova abordagem do Desenho da Família com a introdução de um fator cinético no desenho, pretendendo que a criança se concentre na atribuição de movimento ao mesmo, através da ação

representada, e não apenas na representação das figuras. Assim sendo, a criança é convidada a “desenhar a sua família a fazer alguma coisa, incluindo a si mesma”. Esta técnica revelou-se um progresso na avaliação das emoções e sentimentos da criança em relação à família, por analisar dinâmicas familiares através das percepções da criança, tornando possível verificar a existência de problemas emocionais na mesma provenientes das relações familiares (Burns & Kaufman, 1970, citados por Sims, 1974; Howells, 1971; Burns & Kaufman, 1970, citados por Myers, 1978).

A conceção desta técnica projetiva, surgiu do estudo das percepções das relações familiares de crianças, de uma amostra norte-americana clínica. Burns e Kaufman (1972) desenvolveram um Manual Interpretativo do DFC, onde partilharam as interpretações do significado das representações gráficas comuns nos desenhos, que surgiram com base nas avaliações subjetivas de casos clínicos, notando-se que a validade, a fidedignidade e a sensibilidade deste instrumento não foram investigadas, apesar da sua ampla utilização, que se verifica nos contextos clínicos e educacionais, devido ao reconhecimento do papel relevante da dinâmica familiar na etiologia e no tratamento das perturbações emocionais das crianças (Burns & Kaufman, 1972; Garai & Frohock, 1978; Levenberg, 1975; McPhee, 1974; Myers, 1978; O Brian & Patton, 1974; Sobel & Sobel, 1976, citados por Wright & McIntyre, 1982; Reynolds, 1978).

Estudos comparativos entre o Desenho da Família e o Desenho da Família Cinética, enfatizaram um maior potencial do segundo na revelação de percepções e atitudes das crianças em relação aos membros da família (Knoff & Prout, 1985).

Análise e Interpretação do Desenho da Família Cinética

Após vários anos sucessivos de estudo e de análise de desenhos da família, Burns e Kaufman descreveram o significado clínico de determinadas características, ações, estilos e símbolos, encontrados nos mesmos (Burns & Kaufman, 1970, citados por Myers, 1978).

No que concerne às categorias de análise do DFC propostos no Manual Interpretativo desta técnica projetiva, as características esperadas no desenho, quando presentes, são indicadoras de um ambiente familiar ajustado, como por exemplo sorriso no rosto de todas as figuras. Por sua vez, as características das figuras, podem representar

conflitos relacionados com o ambiente familiar, como por exemplo, membro desenhado na parte de trás da folha e excesso de rasuras no desenho (Burns & Kaufman, 1972).

As ações representadas no desenho são movimentos de energia entre pessoas, podendo refletir as relações interpessoais na família, amor, libido e sentimentos. Essa energia pode variar de intensidade, verificando-se baixa em vínculos fracos e alta em vínculos fortes. Burns e Kaufman (1972), referem que muitos dos desenhos que avaliaram tinham presentes “campos de força” entre as figuras. Essas forças apareciam através de bolas, barreiras ou objetos perigosos (Burns & Kaufman, citados por Klumpp, 2017).

Os estilos são descritos como indicativos do modo como as crianças expressam os seus vínculos e sentimentos, podendo ser reveladores de defesa ou de perturbação emocional. Segundo os autores da técnica, as crianças têm uma forma natural de expressar o amor e sem barreiras, pelo que essa disposição é considerada a ideal e não patológica. São exemplos de estilos que revelam um vínculo familiar não ajustado, o compartimentalismo, onde há uma separação intencional dos membros da família, o encapsulamento, revelador de um completo fechamento da figura e, figura desenhada numa extremidade da folha, que reflete destaque da mesma ou, no caso de se tratar da própria criança, poderá dever-se a não querer envolver-se com os demais (Burns & Kaufman, 1972).

Os símbolos também constituem uma categoria de análise interpretativa, referindo-se aos elementos que aparecem no desenho. No entanto, os autores não enfatizam o seu significado de forma rígida, como nas características, ações e estilos. Muitas vezes as interpretações do seu significado ficam aquém daquilo que realmente representam. O seu significado deve ser atribuído tendo em conta o histórico clínico da criança e todas as informações recolhidas por meio dos instrumentos de avaliação utilizados. Burns e Kaufman mencionaram alguns deles, nomeadamente o símbolo “A”, referente a uma nota de avaliação escolar, que aparece no desenho quando a criança pretende dar ênfase ao seu alto desempenho académico, sendo este característico no contexto norte-americano; borboleta, associada à procura de amor bonito e ilusório, entre outros (Burns & Kaufman, 1972; Burns & Kaufman, 1972, citados por Klumpp, 2017).

Reynolds (1978) partilhou um guia de referência sintetizado, para auxiliar a análise e o desenvolvimento de hipóteses sobre a presença dos indicadores no desenho.

No entanto refere, que o examinador não deve basear-se unicamente nele quando avalia os desenhos, pois os seus domínios interpretativos são insuficientes na realização de interpretações globais e adequadas dos mesmos. Para além disso, sugere que cada indicador analisado deve ser interpretado consoante o histórico familiar, idade, sexo, nível intelectual e estado comportamental atual da criança em casa e na escola, entre outros (Reynolds, 1978).

Relativamente ao sistema de cotação do Desenho da Família Cinética, os autores não fornecem parâmetros de cotação objetivos, não havendo sobre isto um consenso na literatura existente.

Handler e Habenicht (1994) referiram que muitos investigadores modificaram o sistema original de cotação proposto por Burns e Kaufman, o que conduziu a dificuldades na comparação e sequência de estudos sobre o Desenho da Família Cinética, principalmente pela falta de sistematização dos indicadores de análise. Para além disso, referem não haver consenso sobre o método de cotação utilizado na avaliação do DFC, descrevendo-o como um instrumento clínico com normas inadequadas e validade questionável.

Muitos clínicos parecem utilizar o DFC com populações diferentes daquelas para as quais o teste foi concebido, sem considerarem o impacto da cultura da criança no desenho (Cabacungan, 1985; Fukada, 1990; Ledesma, 1979; McNight-Taylor, 1974, citados por Wegmann & Lusebrink, 2000). Os autores Wegmann & Lusebrink (2000), referem que para se poder estudar influências culturais com este instrumento, é necessário um método de cotação confiável, com variáveis claramente definidas e padronizadas.

Nos estudos em que foram utilizados alguns dos indicadores de análise originais do DFC, a pontuação consistiu na verificação da presença ou ausência dos itens, sendo que um ponto era dado para cada indicador presente e zero pontos à sua ausência. Os indicadores foram formulados de modo a permitirem avaliar dificuldades emocionais e relacionais nas crianças, ou seja, quanto mais itens presentes no desenho e, portanto, pontuados com 1, mais problemas na dinâmica familiar serão identificados (Saneei & Haghayegh, 2011).

As interpretações e análises dos desenhos da Família Cinética com base nos dados recolhidos a partir do sistema de cotação e das verbalizações da criança, devem ser sempre

realizadas com cautela, atendendo às limitações desta técnica e à escassez de estudos empíricos sobre a validade deste instrumento. No entanto, o uso do DFC é visto pela comunidade científica em geral, como uma abordagem vantajosa para os psicólogos na avaliação da personalidade da criança (Lee, Lim, & Chia, 2017; Reynolds, 1978).

Embora haja um Manual Interpretativo e uma ampla utilização desta técnica, quer em contexto nacional como internacional, o DFC parece carecer de padrões de cientificidade no que se refere à adequabilidade dos seus critérios de análise e cotação. Obter mais informações sobre as variáveis do DFC que se mantêm estáveis ao longo do tempo, seria útil para os examinadores, na medida em que ajudaria a orientar o processo de avaliação. A literatura refere que mais estudos de validade e fidedignidade são necessários (Handler & Habenicht, 1994).

Capítulo II - Objetivos

Pretende-se com este estudo sobre o Desenho da Família Cinética (DFC) procurar testar evidências de validade para este instrumento numa amostra de crianças com seis (dos 6A 0m aos 6A 11m) e nove (dos 9 A0m aos 9A 11m) anos de idade, nomeadamente no que se refere: 1) à adequabilidade dos critérios de cotação do instrumento, tendo como referência os critérios de cotação originais, atendendo a algumas alterações introduzidas por Klumpp (2017) numa amostra de crianças no contexto brasileiro, e 2) às temáticas representadas no desenho.

Trata-se de um estudo exploratório, fundamentado pela falta de informação neste domínio, em contraste com a realidade de o desenho ser muito utilizado como técnica de avaliação psicológica, pretendendo-se ampliar o conhecimento sobre a sua utilização, para que os profissionais possam ter maior compreensão do mesmo e melhores resultados nas suas intervenções. Ou seja, consideramos que a técnica de avaliação em análise poderá contribuir para uma avaliação mais global e dinâmica da criança, auxiliando, posteriormente, nas tomadas de decisão no que se refere à intervenção e/ou encaminhamento para outros profissionais das áreas de saúde e/ou educação de que a criança eventualmente venha a carecer.

Capítulo III - Metodologia

Participantes

No presente estudo participaram 50 crianças da população portuguesa normativa, no entanto, a amostra considerada é constituída por 47. De notar que 47% da mesma tem idades compreendidas entre os 6 anos e os 6 anos e 11 meses e 53% entre os 9 anos e os 9 anos e 11 meses, apresentando uma média de idades de 99.70 meses ($M = 99.70$, $DP = 18.070$), ou seja, 8 anos e 3 meses. Relativamente à frequência escolar, as crianças do primeiro grupo etário frequentam o 1º ano, enquanto que as do segundo frequentam o 4º ano. No que concerne aos resultados no teste de inteligência Matrizes Progressivas Coloridas – Forma Paralela (CPM-P), no grupo etário dos 6 anos os valores percentílicos mínimo e máximo são de 35 e 99, respetivamente, enquanto que no grupo etário dos 9 anos são de 30 e 99, respetivamente. No que se refere à estrutura familiar das crianças, estão são predominantemente famílias intactas, sendo que em ambos os grupos etários estão presentes maioritariamente famílias do tipo nuclear, ou seja, com uma só união entre adultos e um só nível de descendência pais e seu(s) filho(s). As suas principais características sociodemográficas encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1

Caracterização da Amostra (n=47)

	G1 (6 A)		G2 (9 A)	
	(n=22)		(n=25)	
	<i>M(DP)</i>			
Idade (meses)	80.77 (2.092)		116.36 (2.119)	
CPM-P	78.82 (18.907)		80.44 (17.697)	
	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
Sexo				
Feminino	9	41	14	56
Masculino	13	59	11	44
Estado Civil dos pais				
Casados	14	64	20	80
União de Facto	7	32	2	8
Divorciados	1	4	3	12

Importa salientar, que durante o processo de análise de dados, da amostra total recolhida ($n=50$), foram excluídas 3 crianças, com idades compreendidas entre os 6 anos e os 6 anos e 11 meses, em consequência dos resultados obtidos nas CPM-P, corresponderem a capacidades intelectuais inferiores à média comparativamente com o grupo etário em que se inserem. A capacidade cognitiva foi verificada, tendo em conta que, uma capacidade intelectual abaixo da média pode afetar a execução da tarefa e influenciar os resultados, tal como a literatura refere, quando fala sobre o grafismo, a composição e a elaboração dos elementos do desenho poderem estar relacionados com o nível de desenvolvimento intelectual (Goodenough, 1951; Koppitz, 1968; Jones, 1992, citados por Klumpp, 2017).

Instrumentos

O protocolo de avaliação utilizado no presente estudo integra os seguintes instrumentos: Matrizes Progressivas Coloridas – Forma Paralela (Raven, Raven, & Court, 1998; Adaptação Portuguesa de Ferreira, 2009) e Desenho da Família Cinética (*Kinetic Family Drawing*- KFD; Burns & Kaufman, 1972).

Matrizes Progressivas Coloridas – Forma Paralela (CPM-P)

Este teste avalia a capacidade cognitiva geral não verbal, identificando se o sujeito apresenta uma capacidade de raciocínio claro ou deterioração nas funções intelectuais. É constituído por tarefas que avaliam a capacidade de perceber relações entre figuras e desenhos geométricos e de raciocínio analógico. Foi concebido para avaliar crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 12 anos e adultos com baixa escolaridade e idade superior aos 65 anos. A administração do teste pode ser individual ou coletiva, sendo que o tempo despendido para a sua realização é entre 10 a 20 minutos.

É composto por 36 itens, divididos em três séries, identificadas por A, AB e B, nas quais os itens se encontram ordenados por grau progressivo de dificuldade. O objetivo da tarefa é que, de entre um conjunto de alternativas, a criança faça corresponder à parte que falta, a figura que completa o padrão ou o sistema de relações apresentado. O material necessário à sua aplicação é constituído pelo manual, caderno de estímulos, folha de respostas e material auxiliar (lápiz ou esferográfica). A pontuação total é obtida através da soma do número de acertos nas três séries, sendo atribuído um ponto a cada resposta correta. O resultado bruto é convertido em percentil, tendo como referência o grupo etário

da criança e os valores normativos para a população portuguesa. A escala percentílica varia de 1 a 99, cujo valor médio corresponde ao percentil 50. A identificação do percentil funciona também como indicador qualitativo da capacidade intelectual (CI) do sujeito, sendo que resultados que se situam entre os percentis 25 e 75, correspondem a uma capacidade intelectual dentro da média enquanto, resultados iguais ou inferiores ao percentil 25, correspondem a uma CI inferior à média.

Desenho da Família Cinética

Burns e Kaufman (1970) introduziram alterações na instrução do Desenho da Família, para “desenha a tua família a fazer alguma coisa, incluindo a ti mesmo”. Com a inserção do fator cinético, estes autores acreditam que o Desenho da Família Cinética seja mais eficaz, na medida em que permite avaliar variáveis de personalidade e fatores interpessoais, tendo em conta que a criança atribui movimento e propósito aos vários membros da família. A diferença na instrução verbal entre o tradicional Desenho da Família de Corman e o Desenho da Família Cinética, é que a primeira permite ao sujeito uma maior liberdade na escolha das pessoas que quer desenhar, podendo incluir elementos que não fazem parte da família, e a segunda permite ao examinador uma visão mais significativa acerca da dinâmica familiar e das respostas adaptativas que a criança utiliza para enfrentar as ações dos membros da família (Burns & Kaufman, 1970, citados por O’Brien & Patton, 1974).

Este teste é administrado a crianças a partir dos 5 ou 6 anos de idade e não tem limite de idade. É uma tarefa de aplicação individual, que requer como materiais um lápis de carvão e uma folha de papel branca. Na sua execução a criança deve estar sentada numa cadeira e apoiada numa mesa. A prova não tem tempo limite, o que dá liberdade à criança para desenhar no seu tempo. No entanto, para se obter uma análise qualitativa mais abrangente, poderá ser cronometrada para registo do tempo em que a mesma desenhou.

Quanto à sua análise e interpretação, Burns e Kaufman, em 1970, desenvolveram um Manual Interpretativo, composto por vários indicadores de análise, que se encontram divididos em cinco categorias, sendo elas: (1) características esperadas nos desenhos, (2) características das figuras, (3) ações, (4) estilos e (5) símbolos.

A presença da primeira categoria - características esperadas nos desenhos - indica que os desenhos da Família Cinética são considerados “ajustados” ou “normais”, sendo os indicadores que a constituem (Burns & Kaufman, 1970, citados por Klumpp, 2017):

- 1) Luz que brilha acima de todos os membros da família;
- 2) Sorrisos em todos os membros da família, indicando felicidade;
- 3) Atividades que incluem todos os membros da família, que aponta para uma relação próxima entre os mesmos.

A presença da segunda categoria - características das figuras - indica que algumas características presentes nos desenhos podem representar conflitos relacionados ao ambiente familiar, sendo os indicadores que a constituem (Burns & Kaufman, 1970, citados por Klumpp, 2017):

- 1) Extensão do braço, que reflete controlo do ambiente familiar;
- 2) A existência de figuras elevadas, indica que o sujeito que se encontra no nível superior tem o desejo de dominância;
- 3) O excesso de rasuras, que poderão estar relacionadas com conflitos no ambiente familiar;
- 4) Os membros desenhados na parte de trás da folha, refletindo conflitos entre o sujeito e a figura desenhada na parte de trás;
- 5) Os membros da família de origem que não foram desenhados, apontam para conflitos familiares;
- 6) As figuras penduradas, sugerem sentimentos associados a stress e tensão;
- 7) A omissão de partes do corpo, reflete conflitos com as partes do corpo que foram omitidas ou esquecidas;
- 8) Olhos com muitos detalhes em evidência/destaque, são indicadores de preocupação e vigilância com algo que está a acontecer no seio familiar;
- 9) Figuras em movimentos rotativos, indicam que essa figura possa ser diferente e/ou desejo de ter mais atenção da família.

A presença da terceira categoria - ações - pode ser compreendida como um movimento de energia entre as pessoas, o qual é denominado de múltiplas formas, nomeadamente por “relações interpessoais”, “amor”, “libido”, “sentimentos”, entre outros. Os indicadores que constituem esta categoria são (Burns & Kaufman, 1970, citados por Klumpp, 2017):

- 1) Bola a driblar, que pode refletir sentimento de competição entre o sujeito e a figura;
- 2) Bola em cima da cabeça dos membros, indica sentimento de aprisionamento ou rejeição;
- 3) Presença de barreiras, reflete um vínculo familiar conflituoso;
- 4) Presença de objetos perigosos, pode estar associada a sentimentos de raiva;
- 5) Presença de símbolos que indiquem eletricidade no desenho, pode refletir a necessidade de aconchego, amor ou poder;
- 6) Figura a passar roupas, é sugestiva dos cuidados, carinho e proteção que advêm dessa figura.

A presença da quarta categoria - estilos - reflete um tipo de defesa por parte da criança e/ou distúrbio emocional que possa existir, sendo esperado que as crianças tenham uma tendência de expressar o amor de forma natural e sem barreiras. Os indicadores constituintes desta categoria são (Burns & Kaufman, 1970, citados por Klumpp, 2017):

- 1) A presença de fogo, poderá representar raiva ou necessidade de aconchego;
- 2) Presença do símbolo “X”, sugere controlo de impulsos;
- 3) Compartimentalismo, indica a incapacidade para expressar amor e afeto livremente;
- 4) Encapsulamento, reflete uma relação conflituosa;
- 5) Linha na parte inferior da folha, representa o mundo instável do sujeito, trazendo-lhe a sensação de queda;
- 6) Figura sublinhada, sugere um relacionamento instável com o membro sublinhado;
- 7) Figuras desenhadas nas extremidades da folha, indicadoras de sentimentos de pouca envolvimento familiar;
- 8) Linha na parte superior da folha, que representa um mundo assustador ou tempestuoso.

É importante destacar, que a categoria “símbolos” descrita também no Manual Interpretativo, não será inserida na análise deste estudo, por se encontrar fortemente associada à população caucasiana norte-americana (Klumpp, 2017).

Relativamente ao sistema de cotação para a análise do Desenho da Família Cinética, embora o Manual Interpretativo de Burns e Kaufman não contenha parâmetros de pontuação, os estudos que têm sido realizados apontam para um sistema que verifique

a presença ou ausência dos itens, no qual o valor zero (0) indica a ausência do indicador e o valor um (1) a sua presença no desenho. Os itens que compõem a primeira categoria são cotados de forma inversa, por se tratarem de indicadores que são esperados no desenho, ou seja, que atribuem normalidade e ajustamento ao desenho que a criança está a representar (Klumpp, 2017).

A análise da presença dos itens é realizada com base numa folha de cotação proposta por Klumpp (2017), que contém os indicadores de análise do DFC propostos por Burns e Kaufman (1972), tendo em conta que alguns deles foram sujeitos a reformulações para uma melhor interpretação/compreensão na sua análise (cf. Anexo II).

Procedimentos

Recolha de dados

Para a realização do presente estudo, foi contactado o Diretor do Agrupamento de Escolas Martim de Freitas, pertencente ao distrito de Coimbra, no sentido de apresentar os objetivos da investigação e solicitar a participação das escolas do 1º ciclo neste projeto. Uma vez obtida autorização para realizar a investigação nas escolas do agrupamento, foi estabelecido contacto com as Diretoras Pedagógicas do 1º ciclo da EB1 Montes Claros e da EB1 dos Olivais, que nos auxiliaram em todo o processo.

Num primeiro momento, esclarecemos os objetivos do estudo, os procedimentos associados e os critérios de inclusão necessários. Para concretizar os objetivos do estudo, em termos metodológicos, ficou inicialmente definido que: 1) a amostra deveria conter um mínimo de 50 alunos, nomeadamente, um grupo de 25 alunos com idades compreendidas entre os 6 anos e 6 anos 11 meses, e um segundo grupo de 25 alunos com idades compreendidas entre os 9 anos e os 9 anos 11 meses; 2) se excluirmos crianças com diagnóstico ou sinalização prévia de dificuldades de aprendizagem gerais ou específicas ou outro problema neurodesenvolvimental (como, por exemplo, a Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção; deficiência intelectual), uma vez que a literatura tem vindo a revelar evidências de que o grafismo e a composição do desenho podem estar relacionados com o nível de desenvolvimento cognitivo.

Num segundo momento, solicitámos auxílio à Diretora Pedagógica para a seleção das turmas e, posteriormente, das crianças com os critérios pretendidos.

Num terceiro momento, foi enviado aos pais das crianças selecionadas um consentimento livre e esclarecido, onde se expunha a finalidade da investigação e se apresentava, de um modo geral, o tipo de tarefa que as crianças teriam de realizar (cf. Anexo D). A confidencialidade, sigilo e privacidade dos dados foi salvaguardada, sendo que a imagem e nome da criança não foi divulgada em momento algum, e os dados obtidos nos testes foram apresentados somente como médias e de forma anónima. Num quarto momento, foram reunidos todos os consentimentos pós-esclarecidos devidamente autorizados pelos pais.

Concluído todo este processo inicial, deu-se início à aplicação dos instrumentos de avaliação. Esta decorreu num gabinete exterior à sala de aula, cumprindo todos os requisitos necessários para a aplicação das provas, no que se refere à preparação do material, à sala e às condições ambientais. Foram dadas todas as instruções necessárias, bem como esclarecidas todas as dúvidas suscitadas.

Numa primeira fase, foram administradas as Matrizes Progressivas Coloridas de Raven, em grupos de dois elementos. Foi dada uma breve explicação sobre o objetivo da prova e de seguida, as seguintes instruções: “Em cada página do caderno irão encontrar um desenho em que falta uma parte. Devem escolher, entre as figuras que estão em baixo, qual a que completa o desenho grande. Quando encontrarem a peça correta devem ir à folha de respostas assinalar uma cruz sobre o número da figura que escolheram” (Raven, Raven, & Court, 2009).

A administração deste teste teve uma duração média de 8 minutos no grupo etário dos 6 anos e de 9 minutos no grupo etário dos 9 anos, sendo o seu objetivo verificar a capacidade intelectual da criança, para inclusão ou exclusão da mesma na amostra em estudo. Para a execução da prova foi disponibilizada à criança um caderno de estímulos, uma folha de respostas e um lápis.

Numa segunda fase, procedeu-se à aplicação do Desenho da Família Cinética, em sessões individuais. A criança foi convidada a desenhar numa folha de papel branca (tamanho A4) com um lápis de carvão o seguinte: “Desenha a tua família a fazer alguma coisa, incluindo a ti mesmo”. Foram disponibilizados às crianças todos os materiais necessários para a realização do desenho. Este teve uma duração média de 5 minutos no grupo etário dos 6 anos e de 8 minutos no grupo etário dos 9 anos.

Após a criança terminar de desenhar, foram também realizadas algumas questões que achámos pertinentes para uma compreensão mais abrangente da dinâmica relacional da criança com os familiares desenhados. Embora os instrumentos não tenham sido administrados, no seu conjunto, num mesmo momento, a aplicação do protocolo de avaliação teve uma duração de aproximadamente 20 minutos.

Com vista à finalização da recolha de dados com a amostra pretendida, e estando em falta 5 crianças com idades compreendidas entre os 6 anos e os 6 anos e 11 meses e com as características de inclusão pretendidas, recorreu-se à EB1 dos Olivais. Esta última fase, ocorreu individualmente e com a administração dos dois instrumentos numa mesma sessão, tendo os procedimentos de administração das provas, se igualado aos que anteriormente referi. A amostra foi recolhida no período compreendido entre 27 de março e 15 de maio 2019.

Análise Estatística e Qualitativa

Na análise estatística dos dados foi utilizado o *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 22). Com vista à caracterização da amostra, foram calculadas estatísticas descritivas (médias, desvios-padrão, frequências absolutas e relativas percentuais). De modo a verificar a frequência dos indicadores e das temáticas recolhidas na análise do DFC, recorreu-se a estatísticas descritivas, em particular, à análise das frequências absolutas e relativas. Para verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre as frequências das categorias ao nível das atividades e temáticas representadas no desenho, recorreu-se a análises intra e intergrupais, através do teste do Qui-quadrado.

No que concerne à análise qualitativa, importa salientar que os desenhos da Família Cinética foram pontuados de acordo com a presença ou ausência dos indicadores de análise previstos no desenho, sendo que zero (0) pontos indica a sua ausência e um (1) ponto a sua presença. As interpretações dos mesmos foram realizadas com base no Manual Interpretativo de Burns e Kaufman (1972) e no estudo de Klumpp (2017), atendendo ao contexto da nossa amostra, por ser diferente daquele para o qual o DFC foi concebido.

Capítulo IV – Resultados e Discussão

Neste capítulo serão apresentados todos os resultados do nosso estudo e, simultaneamente discutidos, por considerarmos que pode facilitar a compreensão do leitor relativamente aos mesmos, tendo em conta o extenso número de itens de análise do desenho, assim como o caráter qualitativo do nosso estudo, que torna necessário expor possíveis interpretações para um determinado resultado, de modo a ser possível comentá-lo. Começaremos por apresentar os resultados e respetiva discussão da análise da adequabilidade dos critérios de cotação do Desenho da Família Cinética e, de seguida, os referentes à análise da frequência das temáticas.

1) Análise da adequabilidade dos critérios de cotação do DFC

No que concerne à análise da adequabilidade dos critérios de cotação do Desenho da Família Cinética, analisamos a frequência com que os indicadores de análise são representados com maior ou menor frequência nos desenhos da amostra em estudo que, como mencionamos anteriormente, pontuamos com zero pontos quanto à sua ausência no desenho e um ponto quanto à presença. Para a análise qualitativa dos itens recorremos aos significados e interpretações fornecidas pelo Manual Interpretativo de Burns e Kaufman (1972) e pela Klumpp (2017), no seu estudo com crianças brasileiras.

Os itens 1, 2 e 3 pertencem às características esperadas no desenho, que quando se verificam indicam um vínculo familiar ajustado. Dos itens 4 ao 12 estão presentes características das figuras, que quando se encontram no desenho, podem representar conflitos relacionados com o ambiente familiar. Dos itens 13 ao 18 estão descritas ações, que são compreendidas como movimentos de energia entre as pessoas, designadas por “sentimentos”, “relações interpessoais”, entre outros. Dos itens 19 ao 26 encontram-se presentes estilos, que nos permitem verificar como as crianças expressam o seu afeto, sendo esperado que o façam de forma natural e sem barreiras. As frequências quanto à presença dos itens no desenho, foram organizadas de acordo com a ordem dos 26 itens de análise do desenho propostos por Klumpp (2017), tal como se verifica na Tabela 2.

Tabela 2***Frequência da Presença dos Itens de Análise do Desenho da Família Cinética***

Indicador	G1 (6 A)	G2 (9 A)
	n (%)	
1. Luz que brilha acima de todos os membros da família	04 (18.2)	10 (40.0)
2. Sorriso em todos os membros da família	17 (77.3)	23 (92.0)
3. Atividades que incluem uma única ação	17 (77.3)	19 (76.0)
4. Extensão do braço	00 (00.0)	00 (00.0)
5. Figuras elevadas	01 (4.50)	01 (4.00)
6. Excesso de rasuras	00 (00.0)	00 (00.0)
7. Membros da família desenhados no verso da folha	00 (00.0)	00 (00.0)
8. Membros da família de origem não desenhados	07 (31.8)	01 (4.00)
9. Figuras penduradas	00 (00.0)	00 (00.0)
10. Omissão de partes do corpo	15 (68.2)	13 (52.0)
11. Olhos com muitos detalhes em destaque	00 (00.0)	00 (00.0)
12. Figuras em movimentos rotativos	00 (00.0)	00 (00.0)
13. Bola a driblar	00 (00.0)	00 (00.0)
14. Bola em cima da cabeça	00 (00.0)	00 (00.0)
15. Presença de barreiras	00 (00.0)	02 (8.00)
16. Presença de objetos perigosos	00 (00.0)	00 (00.0)
17. Presença de símbolos que indiquem eletricidade	00 (00.0)	00 (00.0)
18. Figura a passar roupas	00 (00.0)	00 (00.0)
19. Presença de fogo no desenho	00 (00.0)	01 (4.00)
20. Presença do símbolo "X"	00 (00.0)	00 (00.0)
21. Compartmentalismo	02 (9.10)	00 (00.0)
22. Encapsulamento	01 (4.50)	00 (00.0)
23. Linha na parte inferior da folha	02 (9.10)	12 (48.0)
24. Figuras individuais sublinhadas	00 (00.0)	01 (4.00)
25. Figuras desenhadas nas extremidades da folha	01 (4.50)	02 (8.00)
26. Linha na parte superior da folha	02 (9.10)	00 (00.0)

Em ambos os grupos etários, os itens mais representados no desenho ($\geq 52.0\%$) foram, nomeadamente, os itens 2 (sorriso em todos os membros da família), 3 (atividades que incluem uma única ação) e 10 (omissão de partes do corpo). Os itens 2 e 3, foram os mais representados no desenho, que por serem características esperadas no mesmo, sugerem a existência de uma relação próxima entre os membros da família e, consequentemente, um vínculo familiar positivo. Em contrapartida, o facto de o item 10 também ter sido muito representado no desenho, tem relevância clínica, sendo este um indicador emocional. A sua presença indica que a criança poderá estar em conflito com

as partes do corpo que foram omitidas ou esquecidas (Burns & Kaufman, 1972). As partes do corpo mais omitidas no desenho foram, nomeadamente, nariz, mãos e pés. No grupo etário dos 9 anos, para além dos anteriormente referidos, os itens 1 (luz que brilha acima de todos os membros da família) e 23 (linha na parte inferior da folha) também foram muito representados no desenho ($\geq 40.0\%$), pertencendo estes a categorias de análise diferentes. O item 1 pertence às características esperadas no desenho e é indicativo de ambientes familiares ajustados, enquanto que o item 23, pertence à categoria dos estilos e, sendo este um indicador emocional, pode sugerir instabilidade no mundo da criança e sensação de queda, em que a linha desenhada, pode simbolizar necessidade de se estabilizar com uma base firme. Nos desenhos em que este item foi representado, a linha inferior, em grande parte das vezes, foi representada como relva.

No grupo etário dos 6 anos, o item 8 (membros da família de origem não desenhados) ainda se verifica com alguma representatividade (31.8%), podendo este indicar a presença de conflitos com os membros familiares excluídos do desenho. Na nossa amostra, verificou-se uma maior exclusão dos irmãos, pai e mãe, sendo que, as crianças justificaram ausência desses elementos com algumas das seguintes verbalizações: “esqueci-me”, “não iam caber na folha”, “não desenhei o pai porque está separado da mãe”, “não desenhei a mãe porque nesse momento ela não estava em casa”, “não desenhei o pai e a mãe porque não costumo brincar com eles”, “não desenhei a minha irmã porque não vive connosco”, entre outras.

No grupo etário dos 6 anos, os itens 1 (luz que brilha acima de todos os membros da família), 5 (figuras elevadas), 21 (compartimentalismo), 22 (encapsulamento), 23 (linha na parte inferior da folha), 25 (figuras desenhadas nas extremidades da folha) e 26 (linha na parte superior da folha) revelaram baixa frequência ($\leq 18.2\%$). No entanto, à exceção dos itens 1, 21, 23 e 26, todos eles podem ser considerados como itens infrequentes ($\leq 4.5\%$). O item 1, foi representado através do Sol e de lâmpadas em quatro desenhos, sendo que, pertencendo este às características esperadas no desenho, poderá indicar afeto positivo para com os membros familiares. A representação de membros da família separados e, em compartimentos isolados, sugere impedimento de expressar o amor e afeto entre eles, de modo livre. Os desenhos nos quais este item foi representado, contém vários compartimentos onde as figuras se encontram a realizar atividades diferentes, quase como se estivessem a representar cenas da vida diária. No entanto, foi

contabilizado como presente enquanto indicador clínico, dado que a criança podia ter desenhado a sua família a realizar uma mesma atividade num só compartimento e não o fez, podendo isto indicar que se sente de alguma forma impedida de expressar afeto livremente. Uma linha desenhada na parte superior da folha, pode simbolizar um mundo preocupante. O item 5 foi representado em dois desenhos, nos quais num deles se encontra uma figura em cima de umas escadas “a descer as escadas” e no outro (representado no grupo etário dos 9 anos), a mãe e o pai estão no cimo de uma montanha, enquanto a criança se encontra na parte inferior a movimentar-se em direção a eles. Nestes desenhos, foi atribuído o valor clínico do Manual Interpretativo, tendo em conta que na perceção da criança, as figuras elevadas poderão ter desejo de dominância. O item 22, foi representado apenas uma vez, sendo que as figuras encapsuladas foram a mãe e o pai, separadamente. A criança desenhou o pai visivelmente mais pequeno do que as restantes figuras e descreveu as ações referindo que a mãe se encontrava a chamar pelo irmão, para que este descesse para a divisão inferior da casa e que o pai se encontrava a cozinhar ovos. A presença deste item poderá indicar que a criança não mantém uma relação saudável com as figuras parentais, podendo esta relação ser influenciada por um sentimento de ciúme ou tensão em relação ao irmão que representou no cimo das escadas (item 5), revelando-o como uma figura com desejo de dominância, tendo em conta, ter verbalizado que “o mais feliz é o irmão porque tem tudo o que quer”. O item 26, foi considerado presente em dois desenhos, nos quais a criança representou nuvens através de uma linha desenhada de uma extremidade da folha à outra, podendo isto simbolizar um mundo assustador e preocupante.

No grupo etário dos 9 anos, os itens 5 (figuras elevadas), 8 (membros da família de origem não desenhados), 15 (presença de barreiras), 19 (presença de fogo no desenho), 24 (figuras individuais sublinhadas) e 25 (figuras desenhadas nas extremidades da folha), revelaram baixa frequência ($\leq 8.0\%$). No entanto, à exceção dos itens 15 e 25, todos eles podem ser considerados como itens infrequentes ($\leq 4.0\%$). A presença de barreiras no desenho sugere impedimento de uma ação, podendo existir um vínculo familiar conflituoso. Nos desenhos as barreiras representadas foram uma árvore e linhas, que separavam visivelmente os membros familiares. A presença do item 19 num dos desenhos, apesar de ter sido considerada devido à representação da chama na vela do bolo de aniversário, suscitou alguma incerteza e dúvida, tendo em conta que a criança pode ter

representado a chama por dar importância aos detalhes, como se verificou na totalidade do desenho, e não por sentir raiva e/ou necessidade de amor/aconchego. O item 24 também foi considerado presente num desenho, podendo sugerir sentimento de instabilidade para com a figura sublinhada. O item 25 poderá sugerir que o desenhador não pretende envolver os elementos desenhados nas extremidades, na ação representada. Quando a criança se desenha a si mesma numa das extremidades, poderá não se querer envolver na ação com os demais, por se perceber mais inteligente do que eles. Porém, na nossa amostra, nenhuma criança se representou a si mesma nas extremidades do desenho.

Os itens 4 (extensão do braço), 6 (excesso de rasuras), 7 (membros da família desenhados no verso da folha), 9 (figuras penduradas), 11 (olhos com muitos detalhes em destaque), 12 (figuras em movimentos rotativos), 13 (bola a driblar), 14 (bola em cima da cabeça), 16 (presença de objetos perigosos), 17 (presença de símbolos de eletricidade), 18 (figura a passar roupas) e 20 (presença do símbolo “X”), não foram representados no desenho em ambos os grupos etários. No grupo etário dos 6 anos, para além dos anteriormente referidos, não foram também representados os itens 15 (presença de barreiras), 19 (presença de fogo no desenho) e 24 (figuras individuais sublinhadas), e no grupo etário dos 9 anos, os itens 21 (compartimentalismo), 22 (encapsulamento) e 26 (linha na parte superior da folha). Os itens 7, 12, 14, 17, 18 e 20 não obtiveram representatividade no desenho da amostra em estudo, tal como sucedeu com os cinquenta desenhos recolhidos por Klumpp (2017), numa amostra de crianças brasileiras. Segundo a mesma, a ausência destes indicadores no desenho poderá estar relacionada com o facto de a maioria deles representar símbolos, embora no Manual Interpretativo elaborado por Burns e Kaufman (1972), estes itens estejam inseridos nas categorias estilos, ações e características das figuras (Klumpp, 2017).

Os itens 4 (extensão do braço), 6 (excesso de rasuras), 7 (membros da família desenhados no verso da folha), 9 (figuras penduradas), 11 (olhos com muitos detalhes em destaque) e 12 (figuras em movimentos rotativos) integram a categoria “características das figuras”, que quando presentes no desenho, poderão indicar conflitualidade no ambiente familiar, nomeadamente, sentimentos de stress e tensão relativamente a alguns membros da família, representados através de características, como por exemplo, excesso de rasuras ou figuras penduradas. A ausência destes itens no desenho, poderá estar

relacionada com o caráter normativo da amostra, tendo em conta que se referem a indicadores clínicos do DFC. A ausência do item 7 poderá também estar associada à interpretação das crianças durante a administração do teste, relativamente ao modo como a folha lhes foi colocada sobre a mesa, podendo inferir na criança ser aquele o plano sobre o qual ela teria de desenhar, ou seja, o facto da folha ter sido colada na horizontal, poderá ter influenciado a criança a não representar este item.

No que concerne aos itens 13 (bola a driblar), 14 (bola em cima da cabeça), 16 (presença de objetos perigosos), 17 (presença de símbolos que indiquem eletricidade) e 18 (figura a passar roupas), estes constituem a categoria “ações”, compreendida como sendo um movimento de energia entre os membros da família desenhados, sugerindo sentimentos de raiva, rejeição, carinho e afeto. Nos itens 13 e 14, embora esteja presente na ação o símbolo “bola”, indicando-a como um objeto perigoso, na nossa amostra foi analisada como um meio para alcançar uma atividade de lazer em família, pela forte frequência enquanto atividade representada no desenho. Deste modo, não foi concedido a este item, o significado que o Manual Interpretativo de Burns e Kaufman (1972) lhe atribui. O item 16 nomeia como exemplo de um objeto perigoso, uma bola em direção a um membro da família, sendo que esta ação não foi representada em nenhum desenho. No entanto, se tal acontecesse, não seria considerado como um item presente, tendo em conta que, na nossa amostra, o símbolo “bola” incorporado na ação, é considerado um meio para atingir uma atividade de lazer, que se verificou fortemente representada. O item 17, indica a presença de símbolos relacionados com eletricidade, não apresentando representatividade na nossa amostra. Sendo um indicador clínico, se estivesse presente no desenho, poderia demonstrar necessidade de aconchego, amor ou poder. No entanto, apesar de não terem sido representados símbolos de eletricidade como tomadas e fios, sobressaiu a presença de novos símbolos, nomeadamente, aparelhos eletrónicos, tais como, computadores, telemóveis, televisões e máquina fotográfica. Tendo em conta que, estes símbolos não se encontram descritos no Manual Interpretativo de Burns e Kaufman (1972), nem integrados em nenhuma categoria de análise, verifica-se o caráter obsoleto dos procedimentos e normas de avaliação deste instrumento. O facto de o item 18 não ser representativo na nossa amostra, poderá também estar relacionado com a necessidade de atualização de alguns itens de análise, tendo em conta, que este indicador tem caído em desuso ao longo dos anos. Tendo em consideração, que a sua presença no desenho

demonstra carinho, cuidado e proteção proveniente dessa figura, que é normalmente associada à figura materna, seria apropriada a sua atualização, tanto a nível de conteúdo, como da figura que lhe está associada. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho e, conseqüentemente, uma mudança na vida quotidiana das famílias, torna-se fulcral que sejam feitos ajustes neste sentido também. Ao longo da análise dos desenhos, surgem temas como “preparar uma refeição/cozinhar”, “lavar roupa” e “regar as plantas”, representadas não só pela mãe, como também pelo pai e avó. Estas atividades também demonstram carinho e proteção, fazendo mais sentido integrarem este item, atendendo aos dias de hoje.

O item 20 (presença do símbolo “X”), apesar de não ter representatividade na nossa amostra, suscitou alguma incerteza e subjetividade, sobre em que circunstâncias deveria ser considerado como presente no desenho. Este apareceu representado em objetos, como por exemplo, uma bola, não tendo sido considerado presente por representar apenas um detalhe, ao invés de se encontrar entre duas figuras. Este indicador está associado ao controlo de impulsos e pode surgir nas áreas de maior conflito, o que não se verifica na nossa amostra.

No grupo etário dos 6 anos, os itens 15 (presença de barreiras), 19 (presença de fogo no desenho) e 24 (figuras individuais sublinhadas) não obtiveram representatividade. O facto de as crianças não terem representado barreiras no desenho poderá significar que não há impedimentos nas ações uns para com os outros. A ausência de fogo no desenho, poderá indicar que não existem sentimentos de raiva e/ou de necessidade de amor/aconchego. Nenhuma das crianças deste grupo ter desenhado figuras individuais sublinhadas, poderá sugerir que as crianças não se sentem instáveis em nenhum dos seus relacionamentos com os outros membros familiares.

No grupo etário dos 9 anos, os itens 21 (compartimentalismo), 22 (encapsulamento) e 26 (linha na parte superior da folha) também não obtiveram representatividade. O item 21 sugere que não há impedimentos em expressar o amor de forma livre. O item 22 poderá demonstrar que a criança não mantém relações tóxicas com outros membros familiares, não sentindo necessidade de os encapsular. O item 26 revela que nenhuma criança se desenhou a si ou aos demais nas extremidades, podendo isto revelar envolvimento entre os vários membros da família.

Klumpp (2017), num estudo de fidedignidade com crianças brasileiras, encontrou grandes fragilidades psicométricas nos itens 9 (figuras penduradas), 11 (olhos com muitos detalhes em destaque), 2 (sorriso em todos os membros da família) e 16 (presença de objetos perigosos). Dos mesmos, somente o item 2 obteve representatividade em ambos os grupos. Este item pertence à categoria das características esperadas no desenho e sugere a existência de uma relação harmoniosa entre os membros da família. As fragilidades deste item estão relacionadas com a vulnerabilidade a questões de clareza, interpretação e subjetividade do avaliador. No entanto, através do recurso ao Manual Interpretativo do DFC de Burns e Kaufman (1972), este indicador não suscitou hesitações na sua cotação.

Ao longo da análise dos desenhos da Família Cinética, suscitaram hesitações na análise de alguns itens, nomeadamente, nos que se referem aos indicadores 1 (luz que brilha acima de todos os membros da família), 4 (extensão do braço) e 11 (olhos com muitos detalhes em destaque), estando as mesmas relacionadas com o caráter subjetivo e impreciso destes itens, tal como se revelou na amostra de crianças brasileiras de Klumpp (2017). O item 1, tornou-se confuso de analisar, devido às referências do Manual Interpretativo de Burns e Kaufman (1972), nas quais o Sol não é considerado como elemento de iluminação, quando na realidade o é. Assim sendo, este item foi analisado tendo em consideração a folha de cotação e análise de Klumpp (2017), que integra o Sol nos elementos de iluminação. Na análise do item 4, subsistiram algumas dúvidas devido ao caráter impreciso deste indicador, que suscitou incerteza sobre quais objetos poderiam ser compreendidos como potencializadores do braço e em que circunstâncias os deveríamos considerar. Num dos desenhos, a criança representou a figura materna com os braços estendidos, a segurar uma frigideira em direção à figura na qual se autorrepresentou, sendo que, não considerámos este objeto como potencializador do braço, pela atividade que o envolve, ou seja, a preparação da refeição/cozinhar, que transmite um ambiente familiar ajustado. Por fim, apesar do item 11 não ter obtido representatividade na nossa amostra, também suscitou dúvidas na sua análise, nomeadamente, num desenho em que a criança representou uma figura a passear um bebé no seu carrinho, desenhando-a de lado e com apenas um olho, remetendo para a ideia de estar concentrada no bebé, ou seja, vigilante. No entanto, este item não foi considerado

presente no desenho porque é pouco claro e suscetível a diferentes interpretações, não especificando que detalhes nos olhos deverão ser considerados de destaque.

Ao longo da análise dos desenhos, observou-se a presença de itens que não compõem a folha de cotação e análise do DFC proposta por Burns e Kaufman (1972), tendo em conta a amostra norte-americana. Assim sendo, verificou-se a presença de uma nova característica nos desenhos, em particular, o número de elementos que integram a família. No grupo etário dos 6 anos 32% das crianças desenharam membros da família não nuclear e no grupo etário dos 9 anos 16%, nomeadamente, primos, avós e tios. Nuttall et al. (1988) e Chuah, realizaram um estudo, no qual também encontraram presente esta característica, reconhecendo a importância da integração desta variável de análise do DFC, tendo como referência que a definição de família pode assumir formas diferentes nas várias culturas (Wegmann, & Lusebrink, 2000).

É de salientar, que todas as crianças que constituem a amostra em estudo se representaram no desenho. Através de análise descritiva das frequências, verificou-se que no grupo etário dos 6 anos, a criança desenhou-se em primeiro lugar em 31.8% dos desenhos, o pai em 27.3%, a mãe em 22.7%, o irmão em 13.6% e a avó em 4.5%. No grupo etário dos 9 anos, a criança desenhou-se em primeiro lugar em 48.0% dos desenhos, o pai em 28.0%, a mãe em 20.0% e o meio-irmão em 4.0%. Numa análise comparativa entre a ordem de desenho das figuras parentais, verificou-se que no grupo etário dos 6 anos, a criança representou maioritariamente o pai em primeiro (54.5%), tal como sucedeu no grupo etário dos 9 anos (56.0%).

Recorrendo a estatística descritiva, foram calculadas as médias do tempo de duração dos desenhos para cada grupo etário, sendo que as crianças do grupo etário dos 6 anos demoraram a desenhar em média 285 segundos, o equivalente a 5 minutos e as do grupo etário dos 9 anos 498 segundos, o equivalente a 8 minutos. O facto de o tempo médio de duração do desenho ser maior no segundo grupo, poderá estar relacionado com as mudanças que ocorrem nesta idade, ou seja, uma maior concentração nos detalhes, integração de novos conceitos, nomeadamente, perspectiva e espaço e desejo de tornar o desenho o mais real possível. Apesar do tempo de duração do desenho não ser um parâmetro de avaliação e de a criança poder desenhar livremente durante o tempo que quiser, este permite-nos uma avaliação mais ampla do desenho, na medida em que quanto

maior for o tempo de duração do mesmo, mais complexo e detalhado ele será. Além disso, através do registo de outros dados no momento de realização da tarefa, nomeadamente, do tempo em que cada figura é desenhada ou da concentração de detalhes, permite-nos também analisar a ênfase que a criança dá a cada membro familiar ou, no segundo caso, de que forma poderá estar a distanciar-se do propósito da tarefa e a concentrar-se mais nos detalhes.

Através de análise descritiva, exploramos as médias dos resultados totais do desenho, calculados através do sistema de cotação proposto por Burns e Kaufman (1972). Relembramos que os itens foram cotados com zero, aquando da sua ausência e um, aquando da sua presença, pelo que os itens 1, 2 e 3, pertencentes às características esperadas no desenho, foram cotados inversamente, tal como Klumpp (2017) recomenda, no seu estudo. No grupo etário dos 6 anos, o resultado total médio dos desenhos foi de 2.68, o que corresponde a 3 pontos ($M = 2.68$, $DP = 1.393$). No grupo etário dos 9 anos, o resultado total médio dos desenhos foi de 2.24, o que corresponde a 2 pontos ($M = 2.24$, $DP = 1.234$). Tendo em conta que, foram calculados pontos de 26 itens de análise e, a média dos resultados, é extremamente baixa em ambos os grupos, tal poderia significar que a nossa amostra é representativa de vínculos familiares ajustados, se este sistema de cotação fosse fiável e objetivo. Importa salientar que esta análise foi realizada apenas com cariz exploratório, tendo em atenção que este sistema de cotação carece de normas e de estudos de validade e fidedignidade, que a sua conceção surgiu do estudo de casos clínicos de uma amostra norte-americana, que se refere na maioria dos itens, a indicadores patológicos e, que o carácter de alguns itens é obsoleto, precisando de ser reformulados e ajustados aos dias de hoje e aos diversos contextos. Estudos têm mostrado que este sistema de cotação seria útil para os Psicólogos, mas apenas com normas adequadas e estudos sistematizados (Klumpp, 2017).

É de ressaltar, que a interpretação dos desenhos, deve sempre ter em conta o desenvolvimento típico da criança e aspetos como, a cultura, idade, nível de maturidade, sexo e outros dados de avaliação relevantes, uma vez que é possível, encontrar diferenças nas características do desenho (Wegmann & Lusebrink, 2000).

A realização dos desenhos ocorreu dentro da normalidade, reunindo todas as condições favoráveis à mesma. Apesar de grande parte das crianças se demonstrarem envolvidas e empenhadas em desenhar, algumas revelaram um certo desconforto perante a tarefa, referindo falta de habilidade para desenhar. Quando confrontadas com a tarefa de realizar um desenho da sua família a fazer alguma coisa, de uma forma geral, a maior questão apontada referia-se ao que representar no desenho enquanto ação. Outras questões que também surgiram foram relativas às pessoas da família que poderiam integrar no desenho, ou seja, se podiam desenhar para além da família nuclear e, se o desenho seria elemento de avaliação na escola. É importante referir, que nem todas as crianças da nossa amostra, representaram no desenho aquilo que verbalizaram, o que nos remete, para que na análise desta prova devamos ter uma maior atenção a fatores como este e a explorar as suas razões tácitas.

2) Análise das temáticas representadas no DFC

Através da análise dos desenhos da Família Cinética, procedemos a uma classificação do tipo de atividade representado nos mesmos. Numa primeira classificação mais geral diferenciámos as atividades representadas em conjuntas e não conjuntas. Considerámos atividades conjuntas todas aquelas em que os membros da família estão a participar numa mesma atividade e atividades não conjuntas, as em que os membros da família estão a realizar atividades diferentes. Dentro de cada uma destas categorias diferenciámos ainda (1) atividades conjuntas de lazer (2) atividades conjuntas de vida diária (3) atividades conjuntas de reuniões/encontros familiares (4) atividades não conjuntas de lazer e (5) atividades não conjuntas de vida diária e lazer.

A categoria “atividades conjuntas de lazer”, foi concebida pela presença de temáticas como (1) jogar futebol (2) jogar às cartas (3) brincar na relva, no parque, em casa ou ao ar livre (4) dar um abraço (5) passear no parque (6) deitados na relva de um parque (7) saltar à corda (8) ir para a praia (9) andar de bicicleta (10) jogar monopólio (11) o pai a fotografar a família (12) ler livros uns aos outros (13) jogar basquetebol e (14) ver um filme no cinema. Assim sendo, esta categoria surgiu de todas atividades conjuntas de tempo livre, como atividades desportivas, de entretenimento e de lazer, que foram representadas no desenho. Para além destas atividades, uma criança representou no desenho um episódio da sua vida, sendo ele: “os meus pais a gritarem porque me estou a

afogar e o meu irmão a salvar-me”. A inserção desta atividade nesta categoria é explicada pelo conteúdo da mesma no seu conjunto, nomeadamente, uma ida à piscina em família. Numa análise qualitativa, esta categoria verificou-se maioritariamente a mais frequente nos desenhos, em ambos os grupos etários. Sobressai a predominância de atividades praticadas ao ar livre, principalmente relacionadas com o desporto, como por exemplo, jogar futebol.

A categoria “atividades conjuntas de vida diária” foi concebida pela presença de temáticas como (1) regar as plantas e (2) ir às compras. Em ambos os grupos etários, esta categoria só foi representada uma vez, revelando baixa frequência no desenho.

A categoria “atividades conjuntas de reuniões/encontros familiares” foi concebida pela presença de temáticas como (1) jantar (2) almoçar no restaurante e (3) jantar e dialogar. No grupo etário dos 9 anos, esta verificou-se a terceira categoria mais representada. No grupo etário dos 6 anos, verificou-se com baixa frequência, só tendo sido representada num desenho, com a temática fazer uma festa.

A categoria “atividades não conjuntas de lazer”, foi concebida pela presença de temáticas como (1) jogar futebol e dialogar (2) piquenique, saltar à corda e jogar às cartas (3) jogar à bola, andar de bicicleta e jogar damas (4) ver televisão e jogar computador e (5) dar uma moeda para ir comprar um gelado, passear um bebé no carrinho e adulto a supervisionar. A última atividade mencionada, foi considerada não conjunta, embora tenha suscitado algumas dúvidas, isto porque, a criança está a dar uma moeda à prima para ir comprar um gelado com o pai, revelando, que estes membros não estariam presentes no momento da ação principal que ela descreve como “a passear o primo no carrinho”, no entanto, a sua descrição sobre a atividade sugere que estariam todos num mesmo momento. Numa análise qualitativa, verifica-se que, no grupo etário dos 9 anos, esta é a segunda categoria de maior frequência e, no grupo etário dos 6 anos, apresenta uma baixa frequência, só tendo sido representada no desenho uma vez, com as temáticas brincar e diálogo.

A categoria “atividades não conjuntas de vida diária e lazer”, foi concebida pela presença de temáticas como (1) cozinhar, lavar as mãos e ver televisão (2) jogar no telemóvel, descer as escadas e cozinhar (3) lavar roupa, mexer no telemóvel, realizar trabalhos de casa, saltar na cama e ver televisão e (4) almoçar e brincar. Esta categoria

surgiu pela presença de mais do que uma atividade representada num mesmo desenho e temáticas de teor distinto, nomeadamente cenas do quotidiano e cenas de lazer e entretenimento. Assim sendo e, tendo em conta que, foi definida uma categoria de “atividades não conjuntas de lazer”, onde está presente apenas uma dessas atividades, que neste caso corresponde às de lazer, achamos que uma categoria que integrasse ambas faria mais sentido, por melhor explicar o seu verdadeiro conteúdo. Importa salientar, que o modo como as crianças descrevem as ações e as desenham, indica que possam estar a representar vivências do seu quotidiano. No grupo etário dos 6 anos, esta foi a segunda categoria mais representada no desenho. No grupo etário dos 9 anos, esta categoria verificou-se de baixa frequência, tendo sido representada em apenas um desenho, com as temáticas jogar futebol e cozinhar.

A Tabela 3 apresenta uma síntese geral da frequência das categorias das temáticas representadas nos desenhos da Família Cinética.

Tabela 3

Frequência das Categorias das Temáticas Presentes no Desenho da Família Cinética

Categoria	G1 (6 A)	G2 (9 A)
	n (%)	
Atividades Conjuntas		
Lazer	15 (68.2)	15 (60.0)
Vida diária	1 (4.5)	1 (4.0)
Reuniões/encontros familiares	1 (4.5)	3 (12.0)
Atividades Não Conjuntas		
Lazer	1 (4.5)	5 (20.0)
Vida diária e lazer	4 (18.2)	1 (4.0)

Numa análise qualitativa, verifica-se que a categoria “atividades conjuntas” foi maioritariamente a mais representada, por ambos os grupos etários. Numa análise intragrupo, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na frequência com que as atividades conjuntas e não conjuntas são representadas no desenho, tanto no grupo etário dos 6 anos ($\chi^2_{(1)} = 6.545, \rho < .05$), como no grupo etário dos 9 anos ($\chi^2_{(1)} = 6.760, \rho < .05$). Conclui-se então, que as atividades conjuntas são, de facto, mais representadas do que as não conjuntas, em ambos os grupos etários.

Observando a tabela 3, verifica-se que, as atividades não conjuntas de lazer, foram mais representadas pelo grupo etário dos 9 anos, do que pelo grupo dos 6. No entanto, a diferença existente não revelou possuir significado estatístico ($\chi^2_{(1)} = 2.667, \rho > .05$), o que significa que, nesta amostra, as crianças de 6 e 9 anos representam com igual frequência atividades não conjuntas de lazer.

Também se observa que atividades não conjuntas de vida diária e de lazer, foram mais representadas pelo grupo etário dos 6 anos, do que pelo grupo dos 9. No entanto, a diferença existente não revelou possuir significado estatístico ($\chi^2_{(1)} = 1.800, \rho > .05$), o que significa que, nesta amostra, as crianças de 6 e 9 anos representam com igual frequência atividades não conjuntas de vida diária e de lazer.

É importante referir que ao longo da análise dos desenhos e das atividades representadas, verificou-se a presença de objetos utilizados como meios para a realização das atividades de lazer, nomeadamente, jogos, cartas, cordas, escorregas, bolas de futebol e basquetebol, bicicleta e livros.

O facto de as crianças de ambos os grupos terem representado maioritariamente atividades conjuntas de lazer, sugere que estamos perante ambientes familiares estruturados e saudáveis, propícios ao normal desenvolvimento da criança, onde atividades de entretenimento são realizadas em família, verificando-se ainda, uma presença de atividades lúdicas mais tradicionais, nomeadamente, jogar futebol, saltar à corda, passear, entre outras, e não tanto atividades mais contemporâneas, que envolvam tecnologias, como ver televisão, jogar computador, entre outras. Tendo em conta que, esta categoria foi fortemente representada por ambos os grupos etários e, que a amostra em estudo é normativa, sugerimos a inserção desta na análise do DFC, devendo a sua presença no desenho ser avaliada positivamente, indicando um ambiente familiar ajustado.

Por fim, algumas das limitações que surgiram no estudo foram, nomeadamente, o carácter reduzido da amostra e a impossibilidade de se realizar uma análise de fidedignidade dos resultados, através do acordo intra-avaliador, ou seja, procedermos à realização de duas avaliações dos desenhos, com um espaço de tempo entre elas.

Conclusão

A presente dissertação tinha como objetivos principais, analisar a adequabilidade dos critérios de cotação do Desenho da Família Cinética e as temáticas representadas no desenho.

Neste sentido, a análise dos itens realizada e os resultados encontrados, revelaram que alguns deles devem ser atualizados, atendendo ao seu caráter obsoleto e atualmente desadequado, salientando-se que, se os mesmos considerassem a sociedade e tempo atual, poderiam ser mais robustos e representativos. A integração de novos itens no sistema de análise, também deve ser considerada, tendo em conta que, ao longo do tempo ocorrem mudanças na constituição familiar e nos padrões sociais e culturais. Para além disso, reforçamos a ideia que imensos autores já têm vindo a citar, relativa à necessidade de estudos sistematizados de validade e fidedignidade, tanto em amostras clínicas como em amostras normativas, assim como, de um sistema de cotação objetivo e com normas de utilização que permitam a sua utilização nos vários contextos.

Relativamente ao segundo objetivo do estudo, as crianças da nossa amostra revelaram que as atividades conjuntas de lazer, são as preferidas nas suas representações gráficas, para além de que, mais de metade das mesmas representaram atividades conjuntas no desenho, nas quais todos os membros da família se encontram a realizar uma mesma atividade.

Esta técnica projetiva, revelou-se útil na obtenção de dados relevantes sobre as perceções da criança sobre si mesma em relação ao meio familiar, assim como, das relações presentes nesse ambiente. No entanto, este estudo atenta que todas as interpretações sejam cautelosas, atendendo a outros aspetos da criança, nomeadamente o desenvolvimento típico da criança, idade, sexo e outros aspetos da avaliação, que possamos considerar importantes para a análise global e compreensiva da criança. Para além disso, este estudo demonstrou que para se administrar e interpretar esta técnica, é necessário dominá-la, bem como aos conteúdos que a envolvem.

Uma vantagem do estudo remete para o caráter normativo da amostra, pelo papel fulcral que esta assume na validação de um instrumento e, tendo em conta que, esta técnica tem sido essencialmente estudada com amostras clínicas. Para além disso, poderá

contribuir para o domínio da investigação de validade deste instrumento e, também para estudos futuros. Assim sendo, sugere-se que estes possam debruçar-se sobre a análise de fidedignidade de acordo inter-avaliador, ou seja, outro investigador avaliar os desenhos analisados neste estudo.

Referências Bibliográficas

- Barraza, L. (1999). Children's Drawings About the Environment. *Environmental Education Research*, 5(1), 49–66.
- Burns, R. C., & Kaufman, S. H. (1972). *Actions, Styles and Symbols in Kinetic Family Drawings (K-F-D): An Interpretive Manual*. New York: Routledge.
- Corman, L. (1985). *Le test du dessin de famille* (5ªed.). Paris: Presses universitaires de France.
- Ezan, P., Gollety, M., & Hémar-Nicolas, V. (2015). Drawing as children's language: Contributions of psychology to the enrichment of research methodologies applied to child consumers. *Recherche et Applications en Marketing (English Edition)*, 30(2), 1–9.
- Frank, L. K. (1948). *Projective Methods*. Springfield: Charles C. Thomas
- Goodnow, J. (1992). *Desenho de Crianças*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Hammer, E. F. (1997). *Advances in projective drawing interpretation*. Springfield: Charles C. Thomas.
- Handler, L., & Habenicht, D. (1994). The Kinetic Family Drawing Technique: A Review of the Literature. *Journal of Personality Assessment*, 62(3), 440–464.
- Kamphaus, R. W., & Pleiss, K. L. (1991). Draw-a-Person Techniques: Tests in Search of a Construct. *Journal of School Psychology*, 29(4), 395–401.
- Klumpp, C. F. B. (2017). *Estudos de Fidedignidade e Evidências de Validade para o Desenho da Família Cinética* (Dissertação de Doutorado). Centro Universitário FIEO, Brasil.
- Knoff, H. M., & Prout, H. T. (1985). The Kinetic Drawing System: A review and integration of the Kinetic Family and School Drawing techniques. *Psychology in the Schools*, 22(1), 50–59.

- Lee, B. M., Lim B. H., & Chia, K. H. (2017). Kinetic Family Drawing Interview Questionnaire (KFD-IQ): A tool to learn about the family unit from a drawer's perspective. *European Journal of Special Education Research*, 2(5), 102-119.
- Lopes, A. I. C. (2008). *O desenho projetivo na criança maltratada estudo de caso* (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Luquet, G. H. (1987). *O Desenho Infantil* (4ª ed.) Porto: Civilização Editora.
- Menezes, M., Moré, C. L. O. O., & Cruz, R. M. (2008). O desenho como instrumento de medida de processos psicológicos em crianças hospitalizadas. *Avaliação Psicológica*, 7(2), 189-198.
- Miller, L. C. (1995). *Kinetic Family and Human Figure Drawings of Child and Adolescent Sexual Offenders* (Dissertation for the degree doctor). Andrews University, USA.
- Myers, D. V. (1978). Toward an Objective Evaluation Procedure of the Kinetic Family Drawings (KFD). *Journal of Personality Assessment*, 42(4), 358-365.
- O'brien, R. P., & Patton, W. F. (1974). Development of an Objective Scoring Method for the Kinetic Family Drawing. *Journal of Personality Assessment*, 38(2), 156-164.
- Pereira, A. C. (2016). *A importância do desenho infantil para o desenvolvimento das crianças em jardim de infância* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Algarve, Algarve.
- Raven, J., Raven, J. C., & Court, J. H. (2009). *Matrizes Progressivas Coloridas, Forma Paralela (CPM-P Raven Coloured Progressive Matrices Test, Parallel Form)*. Lisboa: Cegoc-Tea.
- Reynolds, C. R. (1978). A quick-scoring guide to the interpretation of children's Kinetic Family Drawings (KFD). *Psychology in the Schools*, 15(4), 489-492.
- Rosenblatt, E., & Winner, E. (1988). The Art of Children's Drawing. *Journal of Aesthetic Education*, 22(1), 3-15.
- Saneei, A., & Haghayegh, S. A. (2011). Family drawings of Iranian children with autism and their family members. *The Arts in Psychotherapy*, 38(5), 333-339.

- Silva, R. B. F., Pasa, A., Castoldi, D. R., & Spessatto F. (2010). O Desenho da Figura Humana e o seu uso na avaliação psicológica. *Psicologia Argumento*, 28(60), 55-64.
- Sims, C. A. (1974). Kinetic family drawings and the family relations indicator. *Journal of Clinical Psychology*, 30(1), 87–88.
- Villemor-Amaral, A. E., & Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USF*, 11(2), 185-193.
- Wechsler, S. M., & Schelini, P. W. (2002). Validade do Desenho da Figura Humana para Avaliação Cognitiva Infantil. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 1(1), 29-38.
- Wegmann, P., & Lusebrink, V. B. (2000). Kinetic Family Drawing Scoring Method for Cross-Cultural Studies. *The Arts in Psychotherapy*, 27(3), 179–190.
- Wright, J. H., & McIntyre, M. P. (1982). The Family Drawing Depression Scale. *Journal of Clinical Psychology*, 38(4), 853-861.

Anexos

Anexo I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

A – Dados sobre a investigação

1. Título: Desenho da Família Cinética
2. Investigadora responsável: Luiza Isabel Gomes Freire Nobre Lima
3. Cargo/Função: Professora Auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra
4. Outros investigadores: Marina Teixeira Dourado

B – Objectivos

O objetivo é realizar um estudo sobre o Desenho da Família Cinética (técnica projetiva) em crianças com seis (dos 6A 0m aos 6A 11m) e nove anos (dos 9A 0m aos 9A 11m). Todos os dados recolhidos serão mantidos em sigilo. A investigação procura testar evidências de validade para o instrumento utilizado, nomeadamente no que se refere à frequência normativa das temáticas abordadas no desenho. O propósito final desta investigação é ampliar os instrumentos de diagnóstico e intervenção nas áreas da Psicologia da Educação e do Desenvolvimento, para que seus profissionais tenham maior compreensão e melhores resultados na intervenção. Ou seja, consideramos que a técnica de avaliação em análise poderá contribuir para uma avaliação mais global e dinâmica da criança, auxiliando, posteriormente, nas tomadas de decisão no que se refere à intervenção e/ou encaminhamento para outros profissionais das áreas da saúde e/ou educação de que a criança eventualmente venha a carecer. Este estudo permitirá a realização de uma tese de mestrado pela investigadora Marina Dourado.

B. Procedimentos

O(A) seu(sua) filho(a) irá realizar individualmente, durante sua sessão de atendimento na escola, numa folha de papel branca, com um lápis grafite preto e borracha, o desenho de “uma família fazendo alguma coisa”. Responderá ainda a um teste de inteligência (Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven). Esta tarefa será conduzida pela investigadora Marina Dourado, aluna de mestrado, sob supervisão da investigadora responsável.

Informamos que os pais poderão ter acesso, a qualquer momento, às informações sobre os procedimentos, riscos e benefícios relacionados com esta investigação, inclusive para esclarecer eventuais dúvidas, entrando diretamente em contacto com a responsável do projecto: Luiza Nobre Lima, luizabelima@fpce.uc.pt.

Salvuarda-se a confidencialidade, sigilo e privacidade dos seus dados, sendo que não haverá qualquer captação da imagem da criança e o seu nome não será divulgado em momento algum. De facto, os dados obtidos nos testes serão apresentados somente como médias e de forma anónima.

Caso autorize a participação do(a) seu(sua) filho(a) nesta investigação, muito agradecemos que assine o consentimento pós-esclarecido que abaixo se apresenta, o destaque e o devolva à escola.

Coimbra, 8 de março de 2019

Luiza Nobre Lima (Investigadora Responsável)

Marina Dourado (Mestranda)

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo investigador e ter entendido o que me foi explicado, consinto que o(a) meu(minha) filho(a)/educando(a) participe no Projeto de Investigação sobre o Desenho da Família Cinética.

Coimbra, ____ de março de 2019

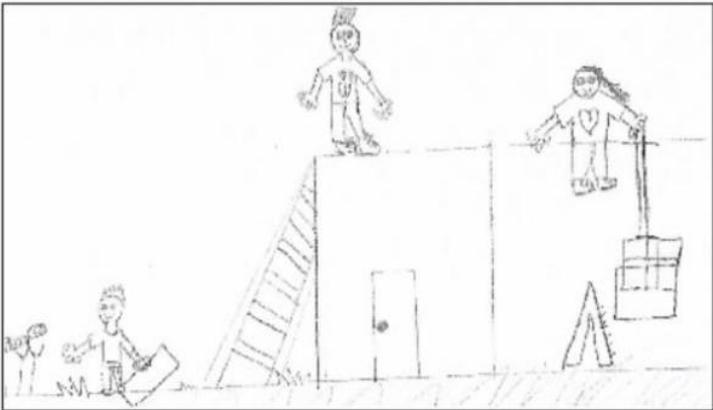
Ass.: _____

Anexo II

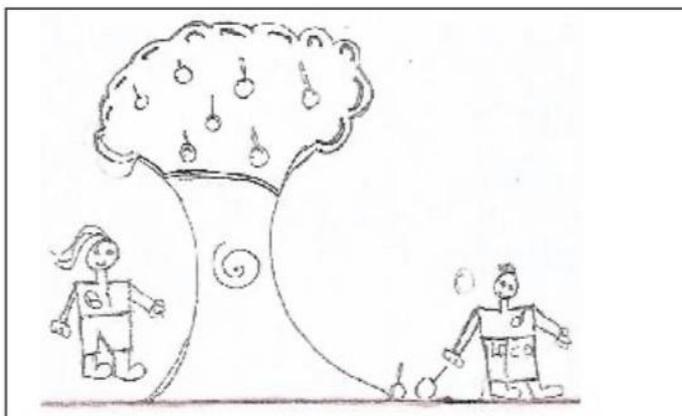
Folha de Cotação do Desenho da Família Cinética (Klumpp, 2017)

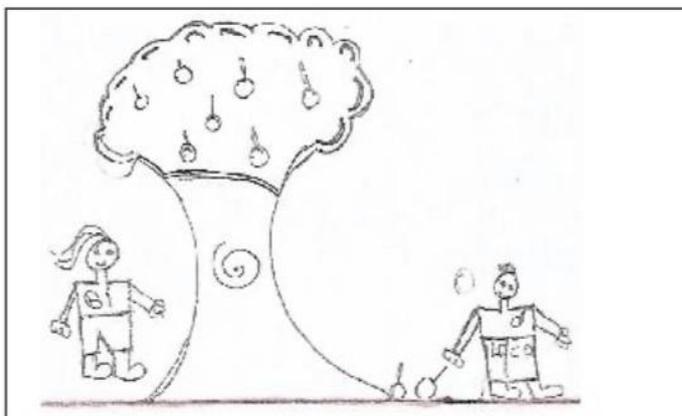
VERSÃO FINAL DA FOLHA DE CORREÇÃO DO DESENHO DA FAMÍLIA CINÉTICA

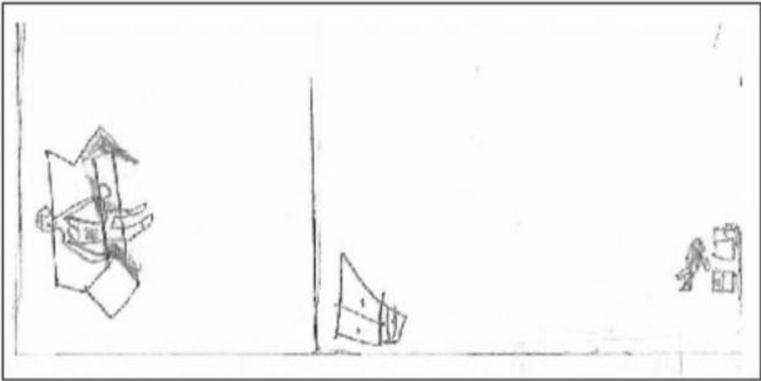
Item	Categorias	Resposta	
		Sim	Não
CARACTERÍSTICAS DOS DESENHOS			
1	Luz que brilha acima de todos os membros da família (objetos como lâmpadas, estrelas, Sol; ou formas de colorir que indiquem iluminação).		
2	Sorriso em todos os membros da família, mostrando felicidade.		
3	Atividades que incluem uma única ação (todos os membros da família realizando uma mesma atividade, envolvidos na mesma tarefa). Observação: Caso haja um ou mais membros que não estejam fazendo a mesma atividade, esse item não deve ser considerado como uma presença.		
CARACTERÍSTICAS DAS FIGURAS			
4	Extensão do braço, podendo incluir instrumentos de limpeza, armas, entre outros objetos. Pode ser compreendido como sendo um objeto que potencializa o braço, como um recurso a mais do corpo humano. Observação: Caso apareça a figura tocando em algum objeto, em contato com algo, não deve ser considerado como extensão de braço (exemplos: figura humana tocando piano ou lendo um livro). Exemplo: As figuras humanas estão segurando instrumentos nas mãos, sendo lanças em uma de suas mãos e tijolos nas demais, fortalecendo assim os braços.		

			
5	<p>Figuras elevadas, em patamar ou nível superior (exemplos: figuras humanas desenhadas em cima de escadas, pedras, telhado, árvore, entre outros; ou pessoa flutuando enquanto os demais membros da família aparecem na parte inferior da folha).</p> <p>Exemplo: Pode-se notar no desenho que dois membros da família estão em cima da casa, ou seja, em um nível superior comparada à figura humana que está embaixo, próxima das flores.</p> 		
6	<p>Rasuras (uso demasiado da borracha).</p>		
7	<p>Membros da família desenhados na parte de trás da folha, sendo que deve ser considerada a parte da frente ou parte principal da folha aquela que apresentar o maior número de membros desenhados.</p>		
8	<p>Membros da família de origem que não foram desenhados na folha, sendo que devem ser considerados como membros da família de origem pai, mãe e filhos.</p>		
9	<p>Figuras penduradas (em cordas, galhos de árvores).</p>		
10	<p>Omissão de partes do corpo, sendo que os itens esperados em um</p>		

	<p>desenho da figura humana são cabeça, olhos, nariz, boca, corpo, pernas, braços, mãos, pés. Caso falte um desses itens este indicador deve ser pontuado.</p> <p>Observações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Caso a figura humana esteja com as mãos atrás do corpo ou dentro do bolso da calça ou peça de roupa, este indicador deve ser interpretado como omissão. - Mãos com dedos fechados não são consideradas como omissão; - Figuras desenhadas de perfil, mas que mostrem todos os elementos esperados no desenho da figura humana, mesmo contendo um só olho, braço, mão, perna e pé, por estar de perfil, não deve ser pontuado como omissão; - Caso seja do conhecimento do avaliador que a criança avaliada tenha algum membro de sua família que possui uma deficiência física, como por exemplo, não possui uma perna, e ela assim o retratou, não pode ser pontuado como omissão. 		
11	Olhos com muitos detalhes em evidência/destaque.		
12	Figuras em movimentos rotativos (girando).		
AÇÕES			
13	Bola quicando (bola em movimento de zigue-zague em direção a outro membro da família).		
14	Sujeito segurando uma bola em cima da cabeça.		
15	<p>Presença de barreiras (linhas, fenômenos ou objetos que separam os membros da família, ou seja, algo que impede o contato ou aproximação física entre as figuras).</p> <p>Exemplo: No desenho abaixo é possível notar que a árvore impede a aproximação física dos membros da família.</p>		



			
16	<p>Presença de objetos perigosos (muitas vezes podem aparecer objetos como bolas em direção a algum membro da família, como se fosse machucá-lo).</p>		
17	<p>Presença de símbolos que indiquem eletricidade no desenho, como tomadas, fios, choques.</p>		
18	<p>Figura passando roupas.</p>		
ESTILOS			
19	<p>Presença de fogo no desenho.</p>		
20	<p>Presença de símbolo "X" no desenho.</p> <p>Observações:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Este item só deve ser pontuado quando o "X" aparece em destaque e/ou como se impedisse algo, conotando uma proibição; - Quando o "X" aparece sem destaque apenas em detalhes gráficos pertencentes a roupas, objetos, não deve ser considerado. 		
21	<p>Compartimentalismo (membros da família desenhados separadamente, sendo que obrigatoriamente aparecem riscos que os separam/ figuras desenhadas em compartimentos isolados).</p> <p>Exemplo: Pode-se notar no desenho que há traços que separam as figuras humanas. Elas estão isoladas em seus compartimentos, como se fossem cômodos ou lugares diferentes.</p>		

			
22	Encapsulamento (completo fechamento da figura, como por exemplo, figura dentro de um círculo).		
23	Linha na parte inferior (linha de base). Exemplos: Podem ser consideradas linhas de base o chão que a criança desenha, a margem que a criança faz na folha, como também a grama, o morro, ou demais traçados que indiquem sustentação, ou seja, que há algo embaixo dos membros da família os alicerçando.		
24	Figuras individuais sublinhadas (linha de base apenas em algumas figuras).		
25	<p>Figuras desenhadas nas bordas (figuras humanas desenhadas em outra orientação espacial, como se não estivesse no mesmo plano que os demais membros da família).</p> <p>Exemplo: Pode-se notar no desenho abaixo que as figuras não estão no mesmo plano.</p> 		
26	Linha no topo, na parte superior da folha.		